

SEVEN

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS  
2024



# VIVÊNCIAS

Paulino Flores de Araujo

**SEVEN**

PUBLICAÇÕES LITERÁRIAS  
2024



# VIVÊNCIAS

Paulino Flores de Araujo

**EDITORA CHEFE**

Prof<sup>o</sup> Me. Isabele de Souza Carvalho

**EDITOR EXECUTIVO**

Nathan Albano Valente

**AUTOR DO LIVRO**

Paulino Flores de Araujo

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

Seven Publicações Ltda

**EDIÇÃO DE ARTE**

Alan Ferreira de Moraes

**EDIÇÃO DE TEXTO**

Natan Bomes Petitemberte

**BIBLIOTECÁRIA**

Bruna Heller

**IMAGENS DE CAPA**

AdobeStok

2024 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2024 Os Autores

Copyright da Edição © 2024 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A663v

Araujo, Paulino Flores de.  
Vivências [recurso eletrônico] / Paulino Flores de  
Araujo. – São José dos Pinhais, PR: Seven Editora, 2024.  
Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-6109-075-9

1. Histórias de vida. 2. Vivências. 3. Literatura  
brasileira. 4. Biografia. 5. Memórias. I. Título.

CDU 869.0(81)-94

**Índices para catálogo sistemático:**

1. CDU: Literatura em português 869.0
2. CDU: Brasil (81)
3. CDU: Gênero literário: historiografia, memórias, história de vida -94

**Bruna Heller** - Bibliotecária - CRB10/2348

**DOI:** 10.56238/livrosindi202456-001

**Seven Publicações Ltda**  
CNPJ: 43.789.355/0001-14  
editora@sevenevents.com.br  
São José dos Pinhais/PR

## **DECLARAÇÃO DO AUTOR**

O autor deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

## **DECLARAÇÃO DA EDITORA**

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a **DIVULGAÇÃO DO TRABALHO** pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos **CRÉDITOS** à **SEVEN PUBLICAÇÕES**, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

À querida esposa Lilian de Souza Reichel Flores de Araujo  
Aos amados e abençoados filhos Gisele e Felipe Flores  
Aos amados e abençoados netos Arthur e Clarice.

## AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa Lilian, por sua compreensão, solidariedade e colaboração para que os textos estivessem escoimados de falhas gráficas e impropriedades de vocabulário.

Aos queridos filhos Gisele e Felipe pela compreensão e incentivo para que este aposentado pudesse dedicar boa parte de seu tempo garimpando suas lembranças no baú da memória.

Aos amigos João Baptista de Oliveira, Amadeu Marques, Raymundo Vasconcelos, Lucia Helena e Glorinha, pelo carinho e apoio incondicionais.

Aos amigos reais e virtuais, cúmplices generosos das minhas postagens no Facebook, tanto por suas curtidas quanto por seus comentários.

Ao saudoso amigo, professor Ilton Jornada, gaúcho de Santiago, amante dos livros e exemplo de quem considera a leitura a maior riqueza que se pode ter na vida.

Ao querido sobrinho Luis André Sasso pelo carinho que sempre me dedicou e por tornar possível a prática de meu diletantismo literário na tranquilidade de minha terra natal.

## AUTOR DO LIVRO



**Paulino Flores de Araujo**

Formado em Letras, Português/Latim, UNISINOS, São Leopoldo;  
Professor concursado no Estado do Rio de Janeiro;  
Professor concursado no Senac do Rio de Janeiro;  
Diretor de Escola de Formação de Professores/RJ;  
Chefe do Setor de Revisão Técnica e Linguística do CEE/RJ.

### **Algumas Instituições onde ministrou Cursos de Língua Portuguesa:**

- Jornal O Globo;
- Procuradoria da República;
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
- Sociedade Unificada de Ensino Superior (SUAM);
- Rede Globo (PROJAC), para jornalistas.

### **Obras:**

- Manual Prático de Língua Portuguesa;
- Manual Prático de Língua Portuguesa e Redação.
- Língua Portuguesa em Foco (Gramática Simplificada);
- Memórias;
- Retalhos da Vida.

### **Obra a ser publicada:**

- Biografia da Ex-Miss Universo Ieda Maria Vargas.

## APRESENTAÇÃO

O Conhecimento nasceu com os sábios da antiguidade. Pensadores, ao longo do tempo, contribuíram para sua difusão a passos lentos até o século XV, quando Gutemberg inventou a imprensa. Com ela surgiu o livro, responsável por sua expansão e popularização.

Livro e computador devem ser vistos como parceiros no hábito de ler; um não substitui o outro.

O computador, em compasso com o ritmo da vida moderna, acelera demasiadamente o processo da leitura. A redução do tempo priva muitas pessoas do prazer de ler, prejudica a interpretação do texto e empobrece o vocabulário. Está provado que as novas gerações passaram a ter o vocabulário reduzido e mais pobre. As palavras digitadas tornam-se repetitivas e até abreviadas.

O vocabulário amplo facilita a comunicação, tornando-a mais precisa e clara, além de ampliar a capacidade criativa do indivíduo. O conhecimento e o uso de um maior número de palavras ensejam relações interpessoais mais interessantes, melhoram o nível dos diálogos, fazendo com que se tornem mais prazerosos, mais ricos e mais leves.

O folhar de um livro nos faz sentir mais humanos, mais libertos da máquina.

O presente livro tem como propósito registrar não só experiências vividas ao longo do tempo, como também fazer certas observações colhidas em épocas recentes sobre o cotidiano das pessoas, agora visualizadas com olhos calejados pelo tempo, que se tornaram mais benevolentes, mais compreensivos em relação a sonhos, atitudes e ambições.

Quando se tem a bênção de uma vida mais longa, passamos a observar melhor o comportamento e a reação das pessoas com olhar de águia, que vê e não apenas olha, com o coração mais resignado por ter uma noção clara das limitações humanas, mas sempre com otimismo e esperança de que o amor supere tudo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>O TEMPO VOA.....</b>	<b>10</b>
<b>PEQUENA VIAGEM NO TEMPO.....</b>	<b>13</b>
<b>LEMBRANÇAS DE ROSÁRIO DO SUL.....</b>	<b>15</b>
<b>UMA AVENTURA FRUSTRADA.....</b>	<b>18</b>
<b>O RENASCER DO AMOR.....</b>	<b>20</b>
<b>PRIMEIRA PAIXÃO - PARTE II.....</b>	<b>22</b>
<b>INSÔNIA DE UM APOSENTADO.....</b>	<b>25</b>
<b>UM CORONEL NA POLÍTICA.....</b>	<b>28</b>
<b>EDUCAÇÃO E SOCIEDADE.....</b>	<b>30</b>
<b>LIÇÃO DE VIDA.....</b>	<b>33</b>
<b>HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES.....</b>	<b>35</b>
<b>MINHA PRIMA ZAZÁ.....</b>	<b>37</b>
<b>IEDA MARIA VARGAS.....</b>	<b>39</b>
<b>GRAMADO TRADIÇÃO E MODERNIDADE.....</b>	<b>41</b>
<b>UM CARIOCA EM GRAMADO.....</b>	<b>43</b>
<b>UMA SOBREVIVENTE DO NAZISMO.....</b>	<b>46</b>
<b>O DESAJUSTADO SOCIAL.....</b>	<b>48</b>
<b>UM OLHAR DA JANELA.....</b>	<b>50</b>
<b>ENCONTROS CASUAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>ALEXANDRE DUMAS E HONORÉ DE BALZAC.....</b>	<b>53</b>
<b>A IMPRUDÊNCIA DE UM EX-CADETE.....</b>	<b>55</b>
<b>FUGA DA CIDADE.....</b>	<b>57</b>
<b>MEU AMIGO JB.....</b>	<b>61</b>
<b>O AMIGO ANTÔNIO.....</b>	<b>65</b>
<b>CONFISSÃO DE UM IDOSO.....</b>	<b>66</b>
<b>UM AMIGO <i>SUI GENERIS</i>.....</b>	<b>68</b>
<b>HISTÓRIAS DE BOTEQUIM.....</b>	<b>70</b>
<b>UMA CARIOCA NOS ESTADOS UNIDOS.....</b>	<b>72</b>
<b>AS PEDRINHAS DA MINHA INFÂNCIA.....</b>	<b>74</b>
<b>FIGURAS FOLCLÓRICAS DE ROSÁRIO.....</b>	<b>75</b>
<b>UM RETALHO DA INFÂNCIA.....</b>	<b>78</b>
<b>DIVAGAÇÕES DE UM GAUDÉRIO.....</b>	<b>79</b>
<b>A HISTÓRIA DE CARLINHOS.....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

---

Algumas lembranças, que se acumulavam no baú da memória ao longo da vida, libertaram-se faz pouco mais de 1(um) ano e vieram à tona, reunidas em formato de livro com o nome “Retalhos da Vida”.

Outras ficaram na fila, em “stand by”, aguardando sua vez de se apresentarem aos olhos de alguns leitores. Lembranças, que estavam adormecidas há mais tempo, juntaram-se a outras mais recentes e vieram à luz seguindo os passos das anteriores, como sendo uma segunda parte dos “Retalhos”, também oriundas do mesmo baú.

Narrações com roupagem de contos e comentários sobre acontecimentos atuais, à guisa de crônicas, vêm à tona com o intuito de expor a visão de alguém, que tem a intenção de partilhar com outros sua forma de ver o mundo tendo por norte o sentimento de gratidão a Deus, de respeito ao outro e de otimismo diante da vida.

Se se quisesse saber o porquê da produção de certos textos, a resposta estaria simplesmente no desejo de revelar a importância que se deve dar a cada indivíduo, por ele ser o detentor da própria história. Isso é o bastante para merecer respeito e ter o reconhecimento da sociedade seja qual for o papel que desempenhe.

Outra razão é a importância de se dar o devido valor ao que o Universo nos oferece, mas que nossas limitações nos impedem de enxergar: a beleza e a riqueza da Natureza. Como é que os olhos não percebem variedade de pássaros e animais? Como não percebem a infinidade de espécies de plantas tanto ornamentais quanto medicinais? Como deixar de ter a alegria, o encantamento e a leveza que as flores, com a magia de suas infinitas cores, dão ao espírito humano?

Enfim, o presente de Deus é de uma grandeza incomensurável. Geralmente nos sentimos pequenos, incapazes de expressar nosso reconhecimento e gratidão pelo que Ele nos dá.

## O TEMPO VOA

---

Nem mesmo a falta de inspiração impede a vontade de escrever. Talvez seja tanto pelo anseio de preencher o tempo ocioso, disponível em grande escala, quanto pelo desejo de contactar amigos e amigas com o auxílio da internet.

O diálogo, à moda antiga, “vis à vis”, sempre foi e sempre será a melhor via para a troca de ideias.

É provável até que o assunto em causa seja mais apropriado para um diário, privativo de quem o redige, do que torná-lo público.

De repente, resolvi dar uma de Narciso, olhar minha imagem no espelho do tempo.

Hoje, como de hábito, levantei-me perto das seis horas, fui tomar meu café na salinha de estar, com vista para as árvores próximas da janela. Os primeiros raios de sol, que começavam a surgir por entre as elevações da serra de Gramado, já cortejavam as folhas mais altas das árvores e amenizavam um pouco a temperatura do friozinho primaveril.

Por um momento de meditação, pensei nos passos que dei até chegar ao lugar em que me encontrava, um ambiente pequeno, mas aconchegante, de muita paz e beleza, despertando um sentimento de gratidão a tudo que me permitiu concluir a longa, mas feliz jornada de retorno à minha terra.

Deixei minha cidade de modo inimaginável, completamente imprevisto. Tudo começou quando chegou a época em que deveria apresentar-me no Exército para cumprir o serviço militar.

Por estar cursando o segundo ano do científico, tive a oportunidade de me liberar da obrigação de servir ao exército. A liberação tornou-se fácil porque, além do amparo legal (estar cursando o Ensino Médio), muitos jovens das colônias próximas desejavam servir à Pátria. Foi o que aconteceu: fui logo liberado. Saí do quartel de Rosário (Segundo Regimento de Cavalaria Motorizado) com um documento cujos termos me dispensavam do Serviço militar. Fui, então, incluído no chamado “Excesso de Contingente”, expressão mais clássica do que o termo “sobrei”.

No entanto, uma semana depois de dispensado, chegou à minha casa um militar me comunicando que eu deveria me apresentar à unidade militar da cidade a fim de “sentar praça”. Mostrei o documento que me liberava de tal compromisso, mas a justificativa da convocação era de que faltava um soldado para completar o quadro do contingente daquele ano. Pareceu-me um “trote” sem graça.

Soube depois, por linhas transversas, que o Quartel procurava incorporar jovens que jogassem futebol, a fim de fazer parte de seu time: Ipiranga Futebol Clube. Talvez esse tenha sido o motivo real que me levou a ter de cumprir meu dever com a Pátria. Não que eu fosse um Pelé da vida, mas poderia somar ao elenco, em vez de ir reforçar o time rival.

Fui feliz durante os dois primeiros anos de caserna: 1965 e 1966. Neste ano, surgiu o Curso de Sargento das Armas, que iria funcionar na cidade vizinha. Aprovado no Concurso de seleção, juntamente com meus colegas de Rosário: José Alviene, Airton (Barata), Chaves, Vander (Canhão), Paulo e Falk, seguimos para São Gabriel. Concluído o curso, voltamos para o nosso Regimento, onde passei a comandar o 2º Pelotão do 1º Esquadrão.

A experiência de comandar durou poucos meses, porque, no finalzinho de 1966, o comandante do Regimento, Coronel Solon, mandou me chamar ao seu gabinete para me dizer, quase que ordenando:

— Araujo (era meu nome de guerra), você vai para a Academia Militar. Vai ser cadete por quatro anos e sair de lá oficial. Surgiu uma lei, acrescentou ele, que dá aos primeiros colocados no Científico o direito de entrarem sem concurso.

Fui pego de surpresa. Além do mais, não me entusiasmei com a ideia. Após tomar conhecimento dos prazos para exames médicos e físicos a serem realizados em Porto Alegre e da data de início das aulas, argumentei para o coronel que os prazos já estariam ultrapassados. O “Coroa” não se deu por vencido, resolveu passar um rádio para a Academia consultando se ainda era possível o meu ingresso. Dois dias depois, mandou alguém à minha casa comunicando que eu deveria ir a Porto Alegre fazer os exames médicos e físicos e, após, embarcar rumo à AMAN.

Minha viagem atrasou um mês, porque os exames médicos em Porto Alegre acusaram que eu tinha contraído uma hepatite. Voltei a Rosário com medicamentos e recomendação de repouso absoluto durante um mês, coisa que não fiz. Participei de um torneio de futebol de salão da cidade pelo time do Quartel. Parecia até que estava seguindo o conselho que Drumond de Andrade ouviu de sua mãe: “Vai, filho, vai ser *gauche* na vida”.

Não vou me alongar porque este texto vale mais como trailer do que como um filme longa metragem, e sem nenhuma pretensão literária.

A minha passagem pela AMAM durou pouco tempo (seis meses), mas propiciou-me experiências marcantes, em termos de vida. Já relatei algumas delas em textos anteriores, inclusive no livro publicado em maio de 2023: “Retalhos da Vida”. O registro delas aqui tomaria muitas folhas de caderno e exigiria tempo e paciência de quem se dispusesse a lê-las.

Devo ressaltar que o motivo mais forte para que eu mesmo me convencesse de sair da terrinha foi que essa oportunidade seria o único caminho que eu teria para poder cursar uma faculdade mais

tarde, fosse pública ou particular. Raras eram as cidades que ofereciam o ensino superior. Na região da fronteira não havia nenhuma naquela época.

Desligado da AMAM, no início de setembro de 1967, fui para São Leopoldo ocupar uma vaga chamada de FE (Função Especial), que admitia militar de outras armas, no Décimo Nono Regimento de Infantaria.

No final deste mesmo ano, prestei uma prova que media somente conhecimentos de Português e Inglês para a Faculdade de Letras (Português/Latim), da UNISINOS.

Concluí a faculdade no final de 1971. Em janeiro de 1972, fui para o Rio de Janeiro e ingressei na Escola de Educação Física do Exército, já na idade limite permitida para fazer esse curso. Lá fiquei durante três anos: o primeiro ano, como aluno; os dois últimos, na cadeira de atletismo, fazendo parte do quadro de instrutores e monitores da escola.

No final de 1974, deixei a escola do Exército e ingressei no Magistério do Estado do Rio de Janeiro, mediante concurso para professor de Língua Portuguesa. No início do ano seguinte, fui admitido pelo Senac/Rio, também por concurso, para ministrar aulas de Língua Portuguesa.

Morei na cidade do Rio de Janeiro durante cinquenta e dois anos, dos quais quarenta e cinco dedicados ao magistério.

Durante o tempo em que me mantive na ativa, ministrei aulas em escolas públicas, no Senac, em cursos oferecidos por faculdades particulares, e em diversas empresas, entre elas: Aeronáutica, na extinta CECIA; Casa da Moeda; Jornal O Globo, nos anos de 1982/83; Rede Globo (PROJAC), nos anos de 2016/2017, para jornalistas; Procuradoria da República, nos anos de 2005/2006, além de palestras sobre Língua Portuguesa em algumas cidades do Estado: Cabo Frio; Campos dos Goitacazes; Macaé, Resende e Rio de Janeiro.

Ainda mantenho um pé no Rio de Janeiro, com apartamento em Copacabana, onde mora meu filho Felipe, que cursa a Faculdade de Engenharia Mecânica da UFRJ.

Graças a Deus, em junho de 2023, retornei, finalmente, aos pagos. Estamos agora em Gramado, cidade encantadora, onde eu e minha esposa Lilian moramos, sem jamais ter esquecido minhas raízes, fincadas em Rosário do Sul, a qual nunca deixei de visitar, para ter o prazer de rever meus familiares, meus amigos e lugares que percorri na infância e adolescência.

Por dever de justiça, devo reconhecer que meu retorno aos pagos se deve ao empenho obstinado de meu querido sobrinho Luiz André Sasso. Sem a intervenção dele o sonho do retorno só poderia acontecer após a aposentadoria de minha esposa, ou seja, mais seis anos distante da terra natal, portanto já tendo ultrapassado a marca dos oitenta.

Quando fecho os olhos por um segundo e me vejo criança, sinto o quanto o tempo é veloz, e “não pára”, como dizia Cazusa.

## PEQUENA VIAGEM NO TEMPO

---

A idade avançada faz com que o indivíduo, pensando nas experiências que a vida lhe proporcionou, sinta intensa vontade de viver um “flashback”, como se uma viagem ao passado lhe sirva de conforto e lhe revigore o espírito.

Aos dezenove anos, época da vida em que todo jovem busca afirmação pessoal e profissional, passei por momentos aflitivos e angustiantes. Diria ter passado por uma experiência frustrante quando me senti incapaz de prosseguir os estudos na academia militar. O fato me abalou bastante, mas hoje vejo que esta situação delicada pela qual passei não me incapacitou de receber grandes lições para minha afirmação. Elas me fortaleceram para desafios futuros e me apontaram os rumos que deveria tomar. Sou grato, portanto, a tudo que aconteceu, pois me tornei mais forte como pessoa.

Nesse período de turbulência, procurei conforto na leitura, já que no ambiente de formação militar não havia nem espaço nem tempo, nem a quem recorrer para cuidar de preocupações pessoais.

Não lembro como me veio às mãos o livro “Como Evitar Preocupações e Começar a Viver”, da autoria do escritor Dale Carnegie (1888-1955), filho de humildes fazendeiros. Seus livros foram traduzidos para trinta idiomas, com destaque para o mais lido deles, utilizado especialmente no mundo dos negócios: “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”.

Os livros de Carnegie se destinam a tornar a vida mais leve, menos estressante, por meio de exemplos da vida real. Um de seus livros tem até o sugestivo título: “Como Resolver Conflitos em sua Vida”

Guardei uma frase, não dele, mas que ele cita como sendo de autoria do filósofo e psicólogo William James (1842-1910), considerado pai da psicologia americana, que é a seguinte: “A Vida é o que os nossos pensamentos determinam”.

Todos nós constatamos, na prática, a verdade contida na frase de William James. Quando temos pensamentos tristes, sombrios, pessimistas, ficamos “pra baixo”, até depressivos; ao passo que, se nos alimentarmos de pensamentos otimistas, construtivos, ficamos alegres, com a sensação de que a vida é bela, colorida e saudável.

Precisamos todos prover nossa mente de pensamentos que nos afastem do que é nocivo ao espírito, que nos levem a perceber no outro um ser falível e que, portanto, merece nossa compreensão e respeito, que não se torne para nós um pesado fardo, mas, sim, algo que se transforme em energia benéfica à nossa vida.

Lembrei-me dessa experiência de vida, que, na época, mostrou-se negativa; hoje, quase sessenta anos depois, ela me dá a certeza de que tudo o que aconteceu na minha vida foi, no final das contas, sumamente positivo.

É oportuno citar a conhecida frase do poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

## LEMBRANÇAS DE ROSÁRIO DO SUL

---

O presente texto não chega a traduzir, ao pé da letra, o significado da filosofia de Platão: “Trazer de volta à memória aquilo que vivemos em outro mundo”.

Na verdade, a sensação é semelhante para quem viveu a infância e adolescência na Fronteira do Pampa gaúcho, próximo aos hermanos uruguaios e argentinos, e os demais anos, perto de sessenta, na turbulência da cidade grande (Rio de Janeiro).

As transformações sociais e tecnológicas que ocorreram após a década de setenta e a mudança assombrosa de ambientes que enfrentei; um do campo, outro da cidade grande, deram-me a impressão de que se criou um grande abismo entre essas épocas em minha vida, como se eu tivesse vivido em dois mundos diferentes.

Quando lembro a infância e a adolescência vivida no interior, tenho a impressão de que vivi, de fato, duas vidas, diante das gigantescas diferenças entre elas, especialmente pela decadência flagrante da humanidade quanto à preservação de valores indispensáveis ao ser humano: a amizade, a solidariedade, a humildade, o respeito ao outro. Naquela época, a simplicidade era uma virtude normal, era o destaque da pessoa.

Assim, as lembranças daqueles tempos: do colégio Marçal Pacheco, do então Ginásio Plácido de Castro permanecem vivíssimas, pairando sobre elas somente uma tênue névoa, próprio da idade. Permanecem visíveis aos olhos e ao coração os saudosos cenários em que vivíamos felizes.

Lembro-me das tentativas de paqueras (a maioria delas frustradas), dentro do Cine Teatro Fênix. Nas matinês de Domingo, ficávamos em pé, logo na entrada do auditório, para esticar os olhos em direção à plateia, na esperança de que a garota alvo de nosso interesse virasse para trás, atendendo ao nosso olhar ansioso.

Assim que a luz da sala se apagasse, tínhamos de procurar imediatamente um lugar para sentar, antes que o homem da lanterninha viesse impor ordem na casa. Afinal, a atenção deveria ser toda para o telão do palco. A sessão vinha sempre precedida do noticiário sobre o que estava acontecendo no Brasil e no Mundo. Geralmente se iniciava com um globo azul girando e, simultaneamente, ouvia-se a voz vibrante de um famoso locutor brasileiro dando destaque às “Atualidades francesas!!!”. Na época, as notícias sobre a França predominavam nos jornais dos cinemas.

Qualquer altercação com o “botinha”, conhecido responsável por manter a ordem na plateia, despertava a curiosidade dos presentes, interessados, como sempre, em saber quem estava sendo espinafrado pelo temido “lanterninha”.

Nossas mais ousadas aventuras amorosas eram tímidas, e até ingênuas, diante do comportamento dos jovens de hoje, que, mais abusados e inconsequentes, partem direto para o ataque, queimando todas as etapas obrigatórias do namoro à moda antiga.

Entre tantas lembranças da vida escolar, uma delas é o momento em que, antes do início das atividades, cantávamos o Hino Nacional diante do maior símbolo da Pátria: a Bandeira do Brasil, verdadeira aula de civismo.

Em 1966, na inesquecível estação de trem, para nós um lugar de encanto pelo sentimento de despedida que a todos impregnava, embarcamos no trem “Maria Fumaça”, em direção a Quaraí, cidade fronteira com Artigas, Uruguai. Fomos representar o nosso Colégio Plácido de Castro em duas atividades empolgantes: a artística, com a conhecida banda do Plácido, que desfilou com brilhantismo pelas ruas de Quaraí e Artigas, colhendo aplausos e admiração dos moradores de ambas as cidades; e a esportiva, com um esperado jogo de futebol entre nosso time e um combinado de conhecidos jogadores dos dois principais times de Quaraí: Brasil e Quaraí.

Nossa banda era composta de oitenta componentes, dotada dos principais instrumentos que requer uma banda marcial: bumbo, tarol, surdo, prato, corneta, flauta, trompete, entre outros. Seus participantes ensaiavam com afinco, tirando de seus instrumentos belas e afinadas marchas para o encanto de todos que assistiam a suas apresentações.

Na parte esportiva, nosso jogo gerou uma grande expectativa, pois os anfitriões contavam com uma grande vitória em vista do plantel que se formou, integrado pelos mais famosos jogadores da cidade.

Nosso time brilhou e surpreendeu com uma bela apresentação em que a vitória não deixou nenhuma dúvida, para espanto e tristeza dos torcedores locais.

Merecem uma homenagem aqueles que fizeram parte desse time, dirigido pelo saudoso amigo, professor Newton Severo (O Pão Cabrito). Agradeço ao nosso amigo Cleo Machado..... pela delicadeza de mandar, de Porto Alegre, os nomes da maioria dos que atuaram naquele jogo memorável. Ao mesmo tempo, pedimos desculpas pela omissão de alguns nomes, em razão do tempo distante e da falta de dados históricos mais precisos.

Entre os atletas, lembramo-nos de: Edson Rufo, o goleiro; Zagueiros: João Luiz Rossignolo, Cleo Machado, Harry Izaguirre; Paulino Flores (Canhoto); José Mamais; Ataídes Rodrigues (Keka); o habilidoso Nego Veio; Rui Lopes (Maçã), Vilmar (Careca), Toninho Nagipe, Pedro Visintainer (Bidu) e Nelson Severo (Vovô).

Todos eles guardam, com certeza, a lembrança dessa aventura, que serve de exemplo para entendermos que a fase da adolescência de a fase escolar até a universitária, simboliza um período deslumbrante da vida, quando ela nos sorri e nos faz felizes, período em que as grandes preocupações são ainda ignoradas. Elas ainda não nos pesam. Por isso jamais alguém as esquece. Nós a guardamos na lembrança como algo precioso e inigualável no tempo.

## UMA AVENTURA FRUSTRADA

---

Hoje tratam por “balada” a aventura noturna dos anos cinquenta e sessenta. Chamam de “boites” as casas noturnas que acenavam com possibilidades de encontros casuais e mágicos. Aliás, essas casas, nas pequenas cidades do interior, recebiam a classificação mais depreciativa em face do tipo de hospitalidade que era oferecida aos ilustres frequentadores, aos que a elas recorriam de forma disfarçada, sorrateira, na calada da noite. Parecia até que o “freguês” partia para uma ação altamente secreta.

Na década de sessenta, eu cursava faculdade em São Leopoldo. Aos sábados, estudava em casa, manhã e tarde. Jovem, solteiro, e tendo um fusquinha de segunda mão funcionando, costumava sair à noite em busca de uma “aventura”, a fim de reduzir o estresse que a carga de trabalho e de estudos me causava.

Certa noite resolvi ir a uma boate, situada na BR 116, rodovia que liga as cidades vizinhas (Canoas, Esteio, Sapucaia) e as do Vale dos Sinos (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Dois irmãos, Caxias do Sul, entre outras da serra).

Saí de casa ainda cedo para aumentar a chance de sucesso na empreitada, entrei sorrateiramente no estacionamento da atraente e presumível casa de entretenimento, onde já se encontravam os carros de alguns nobres e sombrios clientes. Saí do carro e andei até o já conhecido guardador, que fazia também as vezes de relações públicas da casa. Chamávamos de “Jacaré” o primeiro representante da casa a nos receber, vestindo, como sempre, um logo e surrado capote verde, de bolsos fundos, onde costumava esconder as mãos, mesmo que não fizesse frio. Pela sua simplicidade, talvez por falta de vida escolar, usava pouco as palavras quando respondia ao que lhe era perguntado. Não só economizava como repetia sempre a mesma expressão ao responder.

Fui vítima dessa resposta quando, curioso de saber o percentual de mulheres que já se encontrava na casa, usou o mesmo recurso, repetindo, em alto e bom tom, a expressão de sempre: “meio por meio”, disse ele, sem mais detalhes.

Dirigi-me, então, à entrada, imaginando ser um frequentador de sorte naquela noite, pois o número de mulheres era equivalente ao número de homens presentes. Seria, portanto, uma noite promissora.

Ao entrar, corri os olhos procurando confirmar a resposta de Jacaré; busquei uma visão panorâmica do ambiente. Qual não foi minha surpresa quando percebi existirem no recinto cerca de vinte homens e apenas duas mulheres.

Foi uma tremenda frustração. Custou-me acreditar que aquele “relações públicas” da casa, para agradar ao patrão, se utilizasse daquele argumento para atrair os clientes da noite.

Esta é a provável razão de ter ficado gravada na memória a célebre resposta do Jacaré: “Meio por Meio”, que contrariava, na prática, o raciocínio matemático, que aprendemos na escola como verdade absoluta. Jacaré recorreu, à sua maneira, a um certo raciocínio matemático que as circunstâncias da vida lhe tinham ensinado.

Salve o Jacaré, que proclamou, de forma inédita, a superioridade feminina, em que duas mulheres são equivalentes a vinte homens.

## O RENASCER DO AMOR

---

Em abril de 2023, no livro “Retalhos da Vida, com o título “Uma Declaração de Amor”, narrei a paixão do meu colega de faculdade por uma mulher casada, ambos moradores da mesma cidade.

Fui uma espécie de confidente dele. Além de colega, tornamo-nos bons amigos, a ponto de Leandro me confidenciar sua paixão por alguém que invadiu seu coração e tomou conta de seus pensamentos desde quando acordava até a hora de dormir.

Nos anos finais da década de sessenta, não dispúnhamos dos celulares, que hoje fazem com que as comunicações se estabeleçam de forma imediata. Leandro, a muito custo, conteve sua ansiedade por algumas semanas até encontrar um momento apropriado para declarar seus sentimentos à sua musa.

Ausentou-se durante alguns dias da Faculdade. Quando apareceu, estava com a fisionomia triste. Desolado, repetiu a resposta à sua declaração, em que ela disse sentir-se honrada pelo sentimento que despertou nele, mas que jamais renunciaria ao seu marido e aos seus filhos em troca de uma aventura.

Embora decepcionado, meu amigo respeitou o sentimento dela, mas não deixou de homenageá-la secretamente, ao interpretar, em um famoso programa de calouros, na televisão de Porto Alegre, a célebre canção “Hino ao Amor”.

— Nem sei se ela chegou a ver minha homenagem, comentou ele no dia seguinte.

Ainda com o coração ferido, sem ambiente para continuar em sua cidadezinha, foi para a capital trabalhar como professor de Inglês, acreditando que a distância seria um dos remédios para aliviar ou curar seu sofrimento.

Mais de cinquenta anos haviam se passado. Já aposentado, com filhos adultos, Leandro foi alvo de um duro golpe: a morte da esposa.

Certo dia, morando sozinho, tomado por um sentimento de nostalgia, resolveu visitar, depois de décadas, sua terra natal. Numa manhã de sábado, saiu a caminhar pelas ruas da cidade, a fim de ver as mudanças que ocorreram após tanto tempo distante. Ao atravessar a praça central, procurando desviar-se de um canteiro de flores, quase esbarrou em uma senhora. Ao esboçar um pedido de desculpas, seus olhos encontraram o rosto da mulher por quem havia se apaixonado na adolescência, na época de faculdade. Procurando controlar a emoção, perguntou a ela se se lembrava dele.

Após olhar fixamente para o estranho, ela ficou surpresa ao perceber que se tratava daquele jovem que lhe havia feito uma declaração de amor e da qual jamais havia esquecido, respondeu, com certo acanhamento, que sim. Disse ter ficado em dúvida, pois haviam se passado décadas e nunca mais o tinha visto na cidade.

Leandro, contendo com certo custo sua alegria, perguntou se ela aceitaria tomar um café na cafeteria em frente à praça e falar um pouco do passado. Durante o caminho não falaram muito, ainda constrangidos pelo encontro surpreendente. Assim que sentaram à mesa, Amanda foi logo dizendo que a última vez que o viu foi na televisão e que ficou admirada pela bela interpretação, principalmente por ter cantado a música que ela amava ouvir. Disse que ficou impressionada pela coragem de se apresentar e também pela escolha daquela música.

Leandro, sem perder tempo, e com a coragem que adquiriu ao longo da vida, aproveitou para fazer seu desabafo:

— A coragem de pisar no palco foi por ti. Foi um jeito que achei de declarar meu amor. Só não podia falar teu nome em público. Afinal, deixaste bem claro que não abandonaria marido e filhos por uma simples aventura.

Amanda alegou que, naquela época, se ela não estivesse casada e com filhos, certamente teria cedido àquela declaração. Disse que foi tão bonita, que mexeu com os sentimentos dela, mas que não podia revelar sua alegria naquele momento. Confessou que as palavras dele lhe roubaram muitas noites de sono, que a comoveram tanto que não conseguia esquecê-las.

Leandro voltou a lembrar a declaração que havia feito há mais de quarenta anos, a de ter sido ela sua primeira paixão e que, depois de tanto tempo, dava-se conta de que foi a única de sua vida.

— Agora, querida, passado tanto tempo, já sou um avô, com filhos casados, levando a vida de um velho solitário.

A conversa foi-se tornando mais animada e levou Amanda a dizer que eles estavam em situação semelhante, pois ela também tinha os filhos casados e separada há cinco anos do marido, que decidiu seguir a vida com outra.

O reencontro e as circunstâncias fizeram reacender a brasa submersa nas cinzas de uma antiga paixão juvenil no coração dos dois.

Leandro, com a compressão e aprovação dos filhos e netos, retornou à sua cidade natal para viver com a mulher que nunca havia deixado de amar e usufruir de um amor preservado no tempo.

## PRIMEIRA PAIXÃO – PARTE II

---

O leitor que leu a história de Alexandre em “RETALHOS DA VIDA”, primeira parte, perguntaria, curioso:

— Por onde anda Alexandre, aquele jornalista que viveu uma paixão platônica quando aluno do Ensino Médio em Gramado e que, depois de quarenta anos, reencontra a musa de sua paixão, de forma surpreendente, na capital gaúcha?

É natural que o leitor fique curioso de saber como ele prosseguiu sua vida depois de ter reencontrado Clarice, a paixão de outrora, agora livre e com a mesma beleza que o cativara. O que teria acontecido depois de seu retorno ao Rio de Janeiro, cidade onde exercia o jornalismo?

Alexandre, mesmo aos sessenta anos, viu reacender-se a chama daquele amor tanto tempo guardado, e feliz com a certeza do sentimento correspondido, e por ter sido bem aceito por Silvia, que via nos olhos da mãe, após tantos anos, um brilho de felicidade.

A alegria de Clarice foi ofuscada pelo sentimento de insegurança que surgiu nela devido ao retorno dele ao Rio de Janeiro. A distância que os separava despertou o temor da perda.

Mas os laços que inesperadamente os uniram se fortaleceram, como verdadeiro prenúncio de uma vida feliz.

Mas, como diz o conhecido provérbio: “Não há rosas sem espinhos”. A vida não nos oferece uma estrada reta; quase sempre há desvios que temos de superar, para, mais adiante, conquistar a felicidade.

Eis que surge mais um desafio para Alexandre. Considerando seu histórico de sucesso como repórter ao cobrir os conflitos armados do sudeste asiático, propuseram-lhe, apesar da proximidade de seu tempo de aposentar, a missão de fazer a cobertura da guerra entre Rússia e Ucrânia.

A notícia foi recebida por Clarice com profunda tristeza. Pensou ela: “Mal volta o sol a brilhar em minha vida, logo surgem nuvens a escondê-lo de mim”. A promessa de breve retorno dessa missão por parte de Alexandre abrandou um pouco seu sofrimento e decepção.

Como profissional calejado, desejando fazer desse trabalho o ponto alto de sua vida de jornalista, decidiu registrar, “*in loco*”, os tristes embates entre os exércitos das duas nações. Partiu para a Ucrânia logo após ter sido invadida pela Rússia, em 24 de fevereiro de 2022.

Não se contentou em alojar-se na capital, Kiev, lugar que lhe oferecia mais segurança. Foi para o front. Foi noticiar os momentos mais dramáticos da guerra. Quis documentar de perto as consequências cruentas oriundas dos desatinos da espécie humana: soldados feridos, mutilados, mortos ou sequestrados. Estas duas últimas possibilidades (morto ou sequestrado) passaram a ser as

preocupações de todos com o destino ignorado de Alexandre, já que não se tinha mais nenhuma notícia do jornalista brasileiro.

Costumava enviar, diariamente, notícias para seu jornal. Passados alguns dias, cessaram as informações da parte dele. A empresa foi pega de surpresa. Declarou não saber o motivo do sumiço dele e de desconhecer seu paradeiro. No Brasil, os noticiários jornalísticos e televisivos davam conta do sumiço do experiente jornalista. A suposição era de que a ousadia de Alexandre colocara inevitavelmente sua própria vida em risco.

Em Porto Alegre alguém sofria intensamente, imaginando que, após muitos anos de frustrações, somente compensados pela filha maravilhosa que teve, deixaria de ter ao seu lado a pessoa em quem ela acreditava que a faria feliz pelo resto de sua vida. Rezava para que seu sonho não se desfizesse, que se tornasse real. Clarice mal dormia devido à ansiedade que a falta de notícia sobre Alexandre lhe causava.

As preocupações de Clarice aumentaram quando se lembrou das palavras que uma senhora de nacionalidade russa, amiga e vizinha de Alexandre lhe dissera, poucos dias antes de sua viagem:

— Alexandre, falou aos prantos, meu filho foi morto na guerra. Nem tive tempo, nem condições de me despedir dele. Só me informaram uma semana depois. Seria inútil viajar para despedir-me dele. Seria tarde demais. Ele estará sempre em meu coração, sempre presente em minhas preces para que esteja na luz de Deus.

A insanidade humana leva à morte milhares de jovens, impedindo-os de viver, de desfrutar de tudo de bom que a vida tem a oferecer.

O país todo passou a acompanhar o caso do jornalista. A divulgação do caso pela mídia chegou até a Presidência da República, que decidiu agir por intermédio da diplomacia pedindo informações oficiais ao governo russo.

Interferências diplomáticas sensibilizam autoridades governamentais a atender certos pedidos. O governo russo passou a agir em busca do paradeiro de Alexandre.

Clarice tornou-se mais assídua aos cultos da igreja, implorando ajuda a Deus, à Nossa Senhora e a todos os Santos que intervissem para que seu amado estivesse a salvo.

O nome “Alexandre” é popular na Rússia, dificultando a procura dele pelas autoridades, principalmente estando o país em guerra e, sendo, além do mais, um governo reconhecidamente burocrático.

Passaram-se semanas até que o porta-voz da presidência anunciou, triunfante, em coletiva de imprensa, que o intrépido jornalista Alexandre Sá se encontrava vivo, em plena saúde, e que voltaria para casa em avião da Força Aérea Brasileira.

Depois das homenagens e do recebimento de uma medalha, entregue pelo governo brasileiro, em reconhecimento ao seu exemplo de bravura, Alexandre comprou sua passagem para Porto Alegre. Clarice o esperava no aeroporto com o coração disparando de emoção. Assim que desembarcou, Alexandre correu até ela, beijou-a e, em seguida, entregou-lhe um envelope e pediu que o abrisse. Ao abri-lo, Clarice retirou de dentro um documento que oficializava a aposentadoria dele. Preso ao documento, estava um lindo anel com o qual, ali mesmo, foi pedida em casamento.

Em poucos meses, o sonho de Alexandre, que quarenta anos atrás, para ele era impossível, tornou-se real. Casaram-se e foram morar em Gramado, onde tudo começou. O destino lhes havia reservado um final feliz.

## INSÔNIA DE UM APOSENTADO

---

Hoje, Morfeu, o digníssimo Deus do sono e dos sonhos, muito antes do romper da madrugada, não me deixou ficar na cama, banuiu-me do seu mundo de forma inapelável. Usando da autoridade de um Deus do Olimpo, expulsou-me, dizendo:

— Levante! Vá dar vida às suas meditações. Use sua imaginação e criatividade próprias. E, por favor, não apele para a tal “Inteligência artificial”. Seja natural e autêntico. Não use “muletas”. Afaste as pedras do caminho com essas mãos e mente que Deus lhe deu.

Mas já estou aposentado! — argumentei, tentando me reconciliar com ele, convencê-lo a me deixar retornar ao mundo que ele governa.

Diante da recusa do pedido, já desperto a contragosto, viajei ao passado pensando nas pessoas que conheci no mundo real: amizades passageiras, amizades duradouras, amizades eternas. Todas elas enriquecedoras. Essa viagem arrefeceu a minha luta e me estimulou a aceitar a decisão do Senhor do Sono.

Levantei-me, preparei meu café e, com a memória já esperta, comecei a me lembrar de algumas amizades que fiz no curso da vida.

Richard, um inglês cosmopolita, foi o primeiro a surgir. Viveu em vários países, ex-gerente do tradicional Copacabana Palace, sobre o qual escrevi uma breve história no livro “Retalhos da Vida”. Este amigo, rico em experiências, uma espécie de andarilho que viveu em vários países, levou-me a conhecer o grande escritor Albert Camus (1913- 1960), presenteando-me três de suas obras: “O Estrangeiro”; “A Queda” e “A Peste”.

Conheci, por essas obras, o pessimismo de Camus em que diseca o ser humano e suas fraquezas. Suas verdades foram reconhecidas mundialmente, tanto que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957.

O segundo foi Darcy Ribeiro, intelectual que nos mostrou um jeito nobre e humano de educar os jovens com a criação dos CIEPS. Pôs em prática um projeto de transmissão de conhecimentos em cadeia, usando a internet como instrumento. Essa iniciativa ampliava a visão do mundo desses jovens dando-lhes mais liberdade para desenvolverem uma visão crítica e crescerem como cidadãos.

Outra que apareceu nesse desfile de lembranças foi a Professora Iara Vargas, filósofa e política, sobrinha do ex-presidente Getúlio Vargas, foi Secretária de Educação na época em que dirigimos uma escola de formação de professores no governo Brizola, Rio de Janeiro (1983 – 1987). A ela sou grato por ter admitido no quadro de funcionários de limpeza escolar sete pessoas humildes, que nos ajudavam a manter a escola limpa e saudável durante anos, sem receberem um salário digno.

Recebiam uma ajuda da escola pela verba da Caixa Escolar, que não chegava sequer a meio salário-mínimo. Não havia concurso, não tinham carteira assinada, nem padrinho político. Trabalhavam diariamente com dignidade. Iara Vargas, confiante e sensível ao pedido, já que não havia outro meio legal de fazer justiça, pediu-me que enviasse a relação desses funcionários. Foram, por justiça, humanas e Divinas, admitidos, e hoje estão, merecidamente, aposentados, podendo dar certo amparo às respectivas famílias.

A Professora Iara, num encontro social descontraído, falou-me de sua amizade com os irmãos Mário e Tilmo Ortiz de Vasconcelos.

Os rosarienses, com mais de setenta anos, conhecem a vida de Dr. Mário como sendo o grande benemérito da cidade, independentemente de ter sido duas vezes prefeito de Rosário do Sul. A contribuição dele para o progresso da cidade ficou na história. Os registros do que ele fez pelo bem de sua terra fazem com que seja lembrado por todos com profundo sentimento de gratidão.

Iara, ao falar sobre os dois irmãos, lamentou a morte prematura de seu grande amigo Tilmo, ocorrida em Porto Alegre, quando tentou apartar dois indivíduos numa briga de bar sendo alvejado por um tiro de revólver de um dos envolvidos.

Pouco antes da morte do saudoso Dr. Mário, em 2012, estando de férias na minha terrinha, tive o privilégio de transmitir a ele um afetuoso abraço que sua amiga Iara Vargas lhe mandava; ambos já com vida longa: ela, octogenária; ele, nonagenário.

As amizades mais prazerosas e duradouras não se baseiam em preferências ideológicas. Elas se constroem e perduram para sempre desde que haja o respeito mútuo e o sentimento de lealdade, independentemente de quaisquer interesses políticos. Tive a felicidade de conviver com pessoas que se tornaram amigos de verdade. Boas histórias tenho guardadas graças a uma afinidade de ideias e por comungar dos mesmos ideais, principalmente relativos a questões sociais.

Iara Vargas me aproximou de pessoas que fizeram história por serem dotados de características fundamentais para a consolidação de uma verdadeira amizade.

Conheci, por exemplo, Arthur Poerner, escritor, jornalista, compositor e professor, falecido em 2022, que viveu no exílio, tendo ajudado, por falar o francês e o alemão, a Brizola e Miguel Arraes, facilitando a vida desses líderes políticos na Argélia.

Lembro-me de Poerner com os dedos já amarelecidos pelo cigarro, que se mostravam ainda mais pintados de nicotina quando levantava o copo de chope, ritual que se repetia quase diariamente em um dos bares da Avenida Atlântica. Escreveu resumidamente a história da vida de Brizola. Entre alguns casos pitorescos de sua convivência contou-nos que... Certa noite, já tarde, recebeu um telefonema que o deixou intrigado devido a hora. Era o Governador que, economizando palavras, perguntou-lhe se tinha um terno. Sem esperar por resposta, pediu-lhe que, na manhã seguinte, fosse

receber no aeroporto o Chanceler alemão da Alemanha Willy Brandt e sua comitiva, recomendando que os levasse para almoçar.

Querendo cumprir solenemente a missão, Poerner perguntou a ele onde poderia ser o almoço solene. Como já o conhecia pela convivência no exílio, não estranhou com a resposta: “leva o grupo para uma churrascaria para que saibam o que é comer bem de fato”.

Para o velho “caudilho”, como diziam os adversários, a melhor forma de confraternizar diplomaticamente era ter diante de si um bom churrasco.

Poerner tinha prazer em se reunir com os amigos em um dos bares da praia de Copacabana. Certa noite, entre um chope e outro, sem querer dar a importância devida ao assunto, disse a ele que estava brincando de escrever um romance. Cutuquei a onça com vara curta. Levei, não à toa, um puxão de orelhas de alguém que havia sido Presidente do Sindicato dos Escritores:

— Não diga isso, escrever é coisa séria, não é brincadeira. Quando escrevemos passamos a expor nossos sentimentos, nossas ideias, nossas idiossincrasias. O ato de escrever simboliza a nossa autenticidade.

Como alunos em sala de aula, que esperam ansiosos o tilintar da campainha anunciando o término da aula, erguemos os copos para fazer um brinde à lição dada, aceita, de imediato, como verdade por todos. Aquela confraria do chope aguardava sempre um motivo para brindar, antes que a espuma sumisse e o líquido “sagrado” esquentasse.

Finalmente, nesse desfilar de lembranças vindas à tona antes do alvorecer, meu pensamento voltou-se para minha terra natal, revivendo o encontro recente com meus conterrâneos aos quais, envaidecido por suas presenças, apresentei o pequeno volume “Retalhos da Vida”, um resumo de experiências passadas, quase todas inspiradas na infância e adolescência vividas em Rosário.

A sensação do reencontro com as raízes é indescritivelmente maravilhosa, que é sentida mais intensamente por quem passou décadas longe da terra natal. Gonçalves Dias, nosso grande poeta romântico, quando longe do Brasil, no exílio, em Portugal, disse sobre esse sentimento forte: “A palavra saudade dói mais quando pronunciada em distantes terras”.

## UM CORONEL NA POLÍTICA

---

A alusão que faço ao Exército brasileiro no presente texto não significa nenhum desprezo a ele, serve apenas para contextualizar o episódio que passo a narrar. Aliás é uma instituição a quem tive a honra de servir e a quem devo muitos benefícios para a minha formação de cidadão.

Noite passada tive o sono intercalado com algumas lembranças do que vivi no Rio de Janeiro, entre os anos de 1972 e 2023. Entre elas, surgiu-me a de um coronel que conheci no antigo diretório do PDT de Brizola, situado na rua Sete de Setembro, no Centro do Rio de Janeiro, nos anos de 1983/84.

Coronel Mota era o nome desse gaúcho que, logo no início do Regime militar, encontrava-se cursando a Escola de Comando de Estado Maior do Exército, na histórica e bela Praia Vermelha.

O general comandante da Escola, com a intenção de confirmar a lealdade dos alunos ao Regime recém-implantado, pôs em formação todo o corpo discente e fez, em alto e bom som, a seguinte declaração indagativa:

— Quem for contrário ao novo Regime de governo dê um passo à frente!

O então Major Mota deu um passo à frente, para espanto da tropa.

— Por que o senhor é contra? —perguntou o general.

— Porque durante toda a minha formação militar me ensinaram a respeitar a Constituição, e estão rasgando a Carta Magna.

O general deu-lhe imediatamente voz de prisão.

Tendo cumprido certo tempo de prisão, Mota foi, compulsoriamente, para o quadro de Reformados do Exército, no posto de coronel.

Brizola, em seu primeiro governo, designou-o para Diretor do DETRAN.

Ouvi do próprio Coronel a história de sua dura e amarga experiência à frente de um órgão onde imperavam as falcatruas e a corrupção.

Sua primeira decisão foi reunir os jornalistas que faziam a cobertura do funcionamento do órgão e dizer a todos o seguinte:

— Sei que os senhores recebem ilicitamente dinheiro do DETRAN para não falar mal dele, para encobrir as bandalheiras que sempre existiram.

Mota mexeu no formigueiro, como lembrou ele. Duas ou três semanas depois de sua posse, os postos do Detran, espalhados no Estado, começaram a fazer trabalho de tartaruga ou sabotar seu funcionamento, justificando, descaradamente, falhas do sistema de informática, ausência de funcionários por motivo de saúde, excesso de carros para a vistoria etc.

É claro, os jornais falavam mal dele, sem poupar adjetivos depreciativos. Com intenção e retaliações demagógicas, acusavam-no de incompetente para dirigir um órgão tão importante e imprescindível para a já sofrida população.

Mota não seria o primeiro nem o último a sofrer por ser honesto. A mídia e a política desonesta fazem a cabeça do povo. Todos sabemos disso, mas aceitamos passivamente o nosso modo míope de ver a verdade.

Brizola, para amenizar a situação em que seu governo se achava, agredido pela grande imprensa que o apedrejava cotidianamente, revoltada com a perda da “mamata”, teve que remanejá-lo para a presidência da LOTERJ, órgão mais fácil de administrar e alvo menos cobiçado pelos jornalistas de tocaia.

Penso em como se encontra hoje nosso país, cuja Democracia sofre com total falta de respeito ao seu próprio símbolo: a Constituição Brasileira.

Se, aos olhos do coronel Mota, a Constituição, para assombro dele, foi rasgada na época do chamado ‘golpe militar’, como não estaria indignado hoje vendo a Carta Magna sendo espicaçada e jogada ao vento, sem o menor pudor e respeito, quando ela é interpretada e aplicada à revelia, ao sabor dos interesses políticos.

A população, carente de esperanças, sob o véu da ignorância e da injustiça, assiste a tudo, incapaz de reagir, ciente de que vive em um país onde as decisões são tomadas ao Deus-dará, e o que é pior, depreciando o amor à Pátria e subvertendo os valores cristãos.

## EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

---

O título do texto tem a ver com certas marcas e cicatrizes que ficaram, ao longo dos anos, impregnadas na mente e no coração. Se, por um lado, elas me fortaleceram para superar problemas; por outro, deixaram decepções.

Talvez as minhas limitações tenham impedido, até agora, meu ímpeto de falar sobre os próprios defeitos e fraquezas.

Trilhei, por alguns anos, o caminho “estreito”, no bom sentido, da vida militar, acalentando sempre o desejo de viver as inúmeras experiências que a vida civil oferece. Tinha a sensação de que, se não as experimentasse, minha vida seria meio vazia, sem sabor, de pouco sentido. Devo ressaltar, por gratidão, que os valores absorvidos na caserna foram importantes para minha formação, para minha conduta como cidadão.

Na verdade, eu sonhava com horizontes mais amplos, independentemente dos riscos e da insegurança financeira que poderiam advir da provável mudança de rota ao enveredar para novos caminhos.

A educação foi o novo horizonte que surgiu à minha frente, desde que optei pela faculdade de Letras: Português/Latim na UNISINOS, São Leopoldo – RS.

Os concursos que fiz, em 1974 para o magistério do Estado do Rio de Janeiro e para o Senac/RJ me fizeram mergulhar tanto na educação acadêmica quanto na educação profissional. Ambas me ajudaram a crescer profissionalmente.

A sala de aula é um dos lugares mais propícios para o enriquecimento humano, pois é o lugar onde se forjam as mentes dos jovens, e o papel do professor é extremamente importante, pois é ele o principal orientador dessas mentes, até para suprir as carências que a maioria traz de casa por inúmeras razões, hoje mais gritantes ainda: financeira, decadência moral e social, desagregação familiar, entre outras.

Lamento por estar sendo pessimista, mas cheguei à percepção de que a sociedade está decadente em todos os aspectos, especialmente na Educação, a começar pela sala de aula. A experiência de direção de escola me levou a essa triste constatação. O professor das últimas décadas, salvo algumas exceções, deixou de se preocupar com a formação integral do jovem, de respeitar certos limites que faziam com que o professor exercesse o verdadeiro sacerdócio do magistério, evitando que ideologias políticas invadissem a sala de aula e desviassem o jovem dos principais valores para a educação, tornando-o alvo do jogo político.

A experiência na direção de escola me permitiu enxergar com mais clareza a decadência do educador nas últimas décadas. Percebe-se que houve um enfraquecimento desse profissional diante do compromisso e da obrigação de atuar como agente de formação intelectual e mantenedor de valores morais do jovem. Hoje, a vaidade, o egocentrismo, a falta de sensibilidade diante do sofrimento alheio tornam-se mais evidentes, em prejuízo de toda a sociedade.

Cheguei a ter a ousadia de dizer, em certa ocasião, a mais de duzentos professores da escola, para a qual fui eleito diretor, que setenta por cento dos que optaram pela profissão não faziam jus a tão nobre nome: Educador. A educação se viu invadida por “profissionais” que mais se preocupam com política partidária, enxarcados de doutrinas que pouco ou nada têm a ver com o dever do educador e muito a ver com os interesses dos líderes políticos.

Testemunhei, com tristeza, professores que cresceram intelectualmente, com mestrados e doutorados, mas que, embora se considerassem defensores da justiça social, ignoravam as dificuldades de alunos pobres, carentes de atenção para seus problemas reais. Argumentavam eles, do alto de seu pedestal, que o professor tem por missão tão somente passar conhecimentos, sem se importar com as inúmeras e imensas dificuldades que muitos de seus alunos passavam para sobreviver. Bastava que o aluno não soubesse responder, com precisão, ao que lhe era perguntado para ser reprovado; às vezes por décimos, e sem direito a apelação. Não mexia um dedo para incentivá-lo, para minimizar as dificuldades pelas quais o jovem estava passando.

Havia alunos que moravam em casebres com dois cômodos, abrigando quatro ou cinco irmãos. Ficavam impedidos de se concentrarem nos estudos, pois não existia nem clima psicológico, nem espaço físico. Um professor não pode ser insensível às carências do aluno, entre as quais está, além da falta de alimentação adequada, a falta de condições de estudo. Percebi o desinteresse por parte de certos professores no sentido de resgatar a dignidade do jovem, de apoiá-lo, de estender a mão a quem precisava ser socorrido. Não se pode dissociar o crescimento intelectual da situação social em que se encontra o indivíduo. Se assim procedermos, estaremos compactuando com os que se impregnaram de um sentimento elitista, que exclui os que pouco ou nada têm.

A mentalidade burguesa com a qual fomos forjados nos impede de conhecer a real dimensão das carências em que vivem as pessoas das favelas, das comunidades pobres.

Quando Brizola implantou os CIEPS no Rio de Janeiro, uma colega professora, formada no antigo e tradicional Instituto de Educação do Rio de Janeiro, lá na década de cinquenta, veio me dizer que sua sobrinha, fascinada pela nova escola de horário integral, encantou-se com o projeto e pediu que fosse lotada em um dos CIEPS situado em uma das centenas de favelas do Rio. Disse-me a colega:

— Minha sobrinha ficou decepcionada com a nova escola, disse que as crianças pareciam uns bichinhos, não tinham modos e falavam palavrões.

Respondi à colega que a sobrinha estava completamente alienada de uma realidade para a qual não estava preparada, pois, pela formação burguesa que tínhamos, não éramos capazes de compreender a vida de pessoas desprovidas dos hábitos que só uma vida digna poderia dar.

A título de curiosidade, quando Brizola construiu o CIEPS da favela do Morro do Cantagalo, entre Copacabana e Ipanema, as crianças que lá moravam não conheciam água encanada, nem sanitários com rede de esgoto. Nos primeiros dias de funcionamento, houve um trabalho de adaptação às benfeitorias que desconheciam. Elas, quando abriam as torneiras das pias, passavam, curiosas, as mãozinhas por baixo da pia para descobrirem para onde ia a água. Tudo era novidade para elas.

Muitos políticos e intelectuais não fazem nem ideia dessa realidade e se consideram os baluartes da justiça social. Tornam-se expertos em manipulação de massa, para tal seduzem a mídia com maestria, a base de dinheiro.

Brizola costumava dizer que os intelectuais costumavam salvar o mundo bebendo whisky importado nos bistrôs chiques da zona sul do Rio.

Tem-se a impressão de que vivemos no mundo do “salve-se quem puder”.

Mas nem tudo está perdido. Há esperanças no ser humano, haja vista o exemplo de solidariedade que os brasileiros em geral vêm dando aos milhares de desabrigados atingidos pelas inundações no Estado do Rio Grande do Sul. Serve de grande lição para que a sociedade se volte para as questões sociais com base na justiça, consciente de que todos têm o direito de ser felizes e reconhecendo a importância de amar o próximo.

## LIÇÃO DE VIDA

---

Todos cometemos erros inevitáveis, pois não há ser humano perfeito. Até porque, considerando as circunstâncias, muitas vezes o que é bom para um é prejudicial a outrem.

Ao longo do exercício do magistério, percebemos que o trabalho com o aluno, especialmente com o adolescente, não consiste somente em passar informações sobre este ou aquele assunto tratado no livro didático, ou seja, transmitir conhecimentos específicos sobre Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia. Para muitos professores esta é a sua missão precípua.

A responsabilidade do professor na formação do jovem deve ir além da mera transmissão de conhecimentos. Há jovens que sofrem com problemas pessoais que interferem no seu desenvolvimento, para cuja solução a família e a sociedade não contribuem efetivamente. Aliás, muitas vezes dão as costas ou, querendo ou não, mostram-se indiferentes a eles, agravando ainda mais a situação, principalmente quando se trata de adolescentes.

Há casos dos quais a gente não consegue fugir. Cito um exemplo pessoal:

Durante alguns anos, coordenei o curso de recepcionistas de empresas do Senac-Rio, para o qual havia, no quadro docente, uma psicóloga. A ela eram encaminhados os alunos cujos problemas fugiam à competência de um outro profissional em se tratando de casos relativos a relações humanas.

Certo dia, Vanessa, uma aluna do Curso de Recepcionistas de Empresa do Senac de Copacabana, casada, com mais experiência de vida, já com uma filhinha, procurou-me, após o término da aula, para conversar reservadamente. Percebi que ela estava aflita, angustiada. Disse que se tratava de Ana Claudia, uma das irmãs gêmeas, colegas de turma. Mostrava-se tão ansiosa, que, assim que ficamos a sós, foi logo desabafando:

— Professor, Ana Claudia está muito tensa pelo problema que está vivendo. Semana passada, ela me procurou para desabafar comigo. Seus pais e a própria irmã gêmea ignoram, pois ela tem medo de se abrir com eles. Acontece que ela está grávida do namorado, que, por ser usuário de drogas, não é aceito pela família. Ela quer fazer o aborto, sem que mais ninguém saiba. Prometi ajudá-la com dinheiro, pois ela não tem a quem pedir. Agora estou com um drama de consciência. Não dormi à noite, com sentimento de culpa pela promessa que fiz. Estou com uma dúvida terrível, pois tenho uma filha, que me faz a mãe mais feliz do mundo.

O caso da aluna também me atingiu, pois ambas sofriam por razões aparentemente diferentes. Pensei um pouco, buscando uma alternativa que não fosse a de negar a um serzinho o direito à vida. Resolvi dar a Vanessa o seguinte conselho:

— Vanessa, antes de qualquer decisão, converse com Ana. Pergunte se há alguém muito próximo dos pais dela, que seja uma pessoa em quem eles confiem, que possa fazer com que eles se decidam a apoiá-la e não agravar o sofrimento da filha, que entendam que não é o momento de aumentar ainda mais a situação angustiante dela, e sim, de serem solidários, pois nunca foi tão necessário o apoio deles quanto agora. É uma vida que está em jogo. É o momento de serem otimistas, de pensarem que Deus está enviando um ser que trará muitas alegrias a todos.

Na semana seguinte, Débora chegou mais cedo para, reservadamente, me passar a notícia do caso:

— Professor, obrigado pelo apoio e orientação. Ana se abriu com a madrinha, uma pessoa maravilhosa, que sempre lhe deu carinho e conselho, apesar dos erros da adolescente. Procurou os pais dela e falou com eles sobre o caso. Prometeu total apoio à afilhada e lhes disse qual seria a decisão certa a tomar. Os pais aceitaram os conselhos da madrinha e concordaram em receber com amor incondicional a chegada do neném.

Fiquei feliz com a notícia, tive a sensação de ter contribuído um pouco para que houvesse um final feliz.

Essa é a lembrança de uma experiência real, guardada com sentimento de gratidão a Deus por ter tocado o coração de todos os envolvidos no episódio.

## HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES

---

Grandes enchentes marcaram, de forma trágica, a história do Estado do Rio Grande do Sul. Causaram imensos estragos, não só materiais, mas, principalmente, físicos e emocionais a milhares de pessoas, além de terem levado à morte centenas de outras atingidas subitamente pela avalanche das águas e pelos inúmeros desmoronamentos das encostas das montanhas.

Entre as muitas histórias tristes, algumas ficaram marcadas pelo modo surpreendente como elas aconteceram.

O próprio clima emocional que tomou conta do povo gaúcho fez com que o assunto sobre as enchentes se tornasse frequente nas conversas entre as pessoas, conhecidas ou não, em qualquer que fosse o lugar.

No Domingo de dia cinco de maio, compartilhava o chimarrão com o casal amigo Luis e Terezinha, em dia de céu azul, ao pé de um arbusto que se despia de suas flores de verão, trocando sua roupagem por outra, que a natureza lhe destina para o outono.

Terezinha lembrou-se de uma grande enchente ocorrida no ano de 1972, época em que ainda era criança, quando, morando em uma região pertencente ao município de Alecrim, chamada Barra do Santo Cristo, ocorreu uma grande enchente.

Seu pai, contou minha amiga Terezinha, encontrava-se à beira do rio Uruguai, cujas águas já haviam saído de seu leito e tinham se espalhado por vastas áreas bem além de suas margens, quando avistou, descendo a correnteza das águas, uma casa e, logo atrás dela flutuava um berço de vime que chamou sua atenção por trazer preso a ele, verticalmente, uma vara com cerca de um metro de comprimento tendo na ponta um pedaço de pano que balançava ao vento. Curioso, lançou-se na água e foi até o berço, que seguia rapidamente o curso da corrente. Não imaginava ele o tamanho da surpresa que teve quando viu um bebê recém-nascido, aparentemente há menos de um mês, envolto em uma toalha, deitado com a barriguinha voltada para o céu.

O pai, com a ajuda de um amigo, levou o nenê para casa, já que não avistaram mais ninguém por ali, além daquele ser pequenino.

Passaram-se dias, semanas, sem que aparecesse uma pessoa sequer que se apresentasse como sendo pai ou mãe daquele anjinho.

A forma com que se achava o bebê no cesto, o pano preso na ponta de uma vara como se fosse um pedido de socorro davam indícios de que os pais, antes de serem tragados pelas águas, colocaram-no naquele movelzinho de vime, rogando a Deus que o salvasse. Certamente o último gesto deles foi confiar ao Criador a vida de quem eles mais amavam.

Um casal, conhecido por todos do lugar, que não pôde ter filhos, adotou o bebê como se fosse um presente de Deus. Deram a ela o nome de Noêmia Ristof e a criaram com o mesmo amor que os pais biológicos lhe dariam.

Noêmia cresceu feliz, casou-se, tornou-se mãe e, atualmente, é uma avó agradecida aos pais adotivos, e, principalmente, a Deus, que deu a ela a oportunidade de realizar os sonhos de toda mulher: crescer, casar, tornar-se mãe e avó, cercada de filhos e netos amorosos.

Histórias de sobreviventes deve haver inúmeras, como a que vem a seguir:

No dia seguinte em que ouvi a história da amiga Teresinha, fui ao cardiologista na parte da manhã. Não esperava ouvir outra história incrível de sobrevivência, contada por alguém que representa dignamente os profissionais da medicina, por tratar humanamente seus pacientes, zelando não só por seu estado físico, como também emocional.

O Dr. Cesar Augusto é pai de dois filhos, que fazem com que ele se sinta muito orgulhoso: o rapaz segue suas pegadas, faz Medicina; a filha estudou relações internacionais e foi morar em Roma. Abdicou de uma vida segura e prazerosa na “cidade eterna” para participar de ações humanitárias da ONU, engajando-se nas atividades da FAO (“Food and Agriculture Organization”) para atuar nos mais diferentes países. Hoje presta serviços no Afeganistão.

O pai teme pela vida dela, pois todos sabemos os riscos que as pessoas correm em um país submetido ao governo dos talibãs, de hábitos e costumes religiosos radicais.

Lembrou o eminente cardiologista que as chuvas, praticamente ininterruptas haviam causado “sérios danos” em Nova Petrópolis, cidade onde mora atualmente. Disse que sua casa passou ilesa dos estragos causados por deslizamentos de terra. Ressaltou, no entanto, que a casa próxima à sua não teve a mesma sorte. Seus moradores se salvaram por um acaso do destino: O deslizamento começou, inicialmente, destruindo a garagem nos fundos do terreno. Dentro dela estava o carro do proprietário, que, ao ser atingido pela avalanche, teve o alarme acionado. O som do alarme acordou o casal, dando a eles tempo necessário para fugirem da casa, que foi inteiramente soterrada.

Os episódios citados revelam casos extraordinários, em que pessoas se salvam das formas mais inimagináveis possíveis. Casos assim fortalecem no ser humano a certeza da presença de Deus.

## MINHA PRIMA ZAZÁ

---

Minha querida prima Elsa Regina Flores Pacheco (Zazá) e seu marido Renan Sergio Ecke, já moradores de Gramado há quinze anos, foram os responsáveis por estarmos residindo em um lugar encantador na cidade serrana de Gramado. Foram extremamente generosos, aliando o bom gosto de Zazá à competência de Renan, um engenheiro experiente, profissional de qualidade inquestionável. Visitaram vários imóveis para avaliar suas condições, a fim de nos recomendar o melhor possível. A escolha não poderia ter sido a mais acertada. Hoje moramos em um apartamento aconchegante, de um ótimo condomínio, no bairro Bavária. Adquirimos o imóvel pelos olhos deles. A competência e o bom gosto evitaram o risco de termos feito um mau negócio.

Zazá, como eu, teve a infância no campo, com a sensação de liberdade, simplicidade e pureza que a vida rural possibilita. Embora sendo criança, Zazá chegou a receber dos pais e avós influência de certos hábitos antigos como o uso de ervas caseiras com propriedades medicinais: a carqueja, a marcela, o boldo, a hortelã, o funcho etc. Até hoje ela cultiva ervas medicinais no solário de seu apartamento, em Gramado e em sua casa, em Capão Novo.

Ao final da adolescência veio para Porto Alegre, onde aprimorou seu refinamento social com sua tia Hilda Pacheco, mulher de gestos e hábitos nobres, como mandava a etiqueta. Mas jamais esqueceu a vida do campo, trazendo sempre à baila, quando possível, os costumes, as expressões campestres e o gosto pela música nativa, a música de raiz.

Zazá e Renan se conheceram ainda adolescentes, quando Renan, embora residindo em Santa Maria, passava as férias na casa dos avós, em Rosário do Sul.

Tiveram um namoro de adolescentes apaixonados, chegando a fazer um pacto de amor em que o sangue de seus dedos selou a promessa de que estariam juntos no futuro, independentemente das circunstâncias, caso a roda do tempo eventualmente os separasse. A união dos dedos selados pelo sangue simbolizava o amor eterno.

Renan formou-se em Santa Maria, na UFSM, tornando-se engenheiro civil. Poucos anos depois foi exercer a profissão em Taquara e cidades vizinhas da serra gaúcha. Constituiu família. Zazá também seguiu sua vida, saiu de Rosário, casou-se, passou a residir e trabalhar em Porto Alegre. Mais de trinta anos depois, quis o destino aproximá-los novamente. Renan, viúvo; Zazá, separada fazia alguns anos. Raros são casos que acontecem, na vida real, em que as gotas de sangue de dois adolescentes tivessem tanto poder assim, fazendo com que, depois de décadas, suas vidas se unissem.

O casal fez a gentileza de nos apresentar sua vizinha ilustre, a nossa eterna Miss Universo Ieda Maria Vargas. Foi um prazer conhecer a mulher que encantou o mundo, que fez com que os adolescentes da minha época ficassem deslumbrados por sua beleza. Graças a eles pudemos conhecer um pouco mais de Ieda e sua vida ao longo dos anos.

Nossos laços de amizade se estreitaram e se mantêm renovados pela convivência mais aproximada. Um churrasco de vez em quando traz à nossa lembrança os tempos de infância e adolescência. Supero Renan na idade, mas perco na maestria de fazer um bom churrasco e outros pratos em que ele é doutor, excepcional *gourmet*. A Zazá sempre abrilhanta qualquer encontro com suas histórias carregadas de bom humor.

Outro mérito do casal é o de serem grandes anfitriões, em que Renan se destaca no requinte dos pratos e vinhos que serve, e a Zazá, no preparo das sobremesas e degustação de licores de diversos sabores.

Nossa vinda para Gramado, nosso retorno ao chão gaúcho, traz consigo um sentimento de gratidão ao casal e ao Criador pelas bênçãos que nos tem dado ao longo da vida.

## IEDA MARIA VARGAS

---

Em 2017, graças ao querido casal Renan e Zazá conhecemos sua famosa vizinha cuja história os brasileiros, de gerações mais antigas, acompanharam e torceram por ela quando disputou, nos Estados Unidos, a coroa de Miss Universo e eleita a mulher mais bela do planeta.

Era adolescente quando Ieda Maria Vargas Athanásio sagrou-se Miss Universo, em julho de 1963, em Miami, USA.

A felicidade dos brasileiros foi semelhante à alegria que contagiou a todos quando o Brasil se sagrou tricampeão do Mundo de futebol em 1970, com Pelé e o elenco inesquecível de jogadores da seleção daquela época.

A Beleza e o Esporte fizeram com que o Brasil, na segunda metade do século vinte, brilhasse mais do que todos os demais países do planeta.

Em 1963, não tínhamos televisão em Rosário, mas a emoção do povo com a eleição de Ieda Vargas como a mulher mais bonita do Universo espalhou-se tanto, foi tão contagiante, que marcou o coração de todos de forma indescritível. Os brasileiros daquela época, de qualquer parte do país, mantêm, até hoje, seu encantamento por ela.

Mesmo adolescente, vi nos olhos das diferentes gerações da época, crianças, adultos e idosos, um sentimento de felicidade como jamais havia testemunhado. As rádios não falavam de outra coisa que não fosse sobre o brilho da estrela maior da beleza mundial, nossa Ieda Vargas. Ela foi homenageada em mais de vinte países.

A imprensa divulgou a declaração do famoso ator e diretor de cinema Peter Sellers, que foi um dos que fizeram parte do júri daquele concurso, em que ele confessou que iria votar na representante da Finlândia, mas que, ao ver a Ieda entrar na passarela, vestindo trajes típicos de gaúcha, ficou encantado, assim como as mais de cinco mil pessoas que lotavam o “Miami Beach Convention Hall”. Rendeu-se ao seu sorriso e à sua beleza. Naquela hora, mudou seu voto inapelavelmente. Dias depois esse grande ator a convidou para ser a protagonista de seu filme, que foi dos mais celebrados no cinema, “A Pantera Cor de Rosa”. Ieda declarou-se honrada, mas não aceitou o convite, quis voltar para o Brasil e seguir a vida em sua terra natal.

Ao responder a uma jornalista se já havia feito algum procedimento estético, Ieda, já com idade mais avançada, disse que sempre se negou a apelar para tal recurso e acrescentou: “As minhas rugas são as histórias da minha vida”.

Falando ainda sobre beleza, em determinada entrevista, declarou: “Beleza não é só física. Uma escultura não é considerada obra de arte apenas por ser bonita. O importante é a personalidade da pessoa. Não há beleza em quem não tem personalidade”.

Quando se fala sobre o ideal de estética feminina, vem à tona o nome de Ieda, a mulher que se tornou inspiração para outras gerações e símbolo de beleza em que a aparência física é o reflexo da beleza interior.

## GRAMADO — TRADIÇÃO E MODERNIDADE

---

Segundo pesquisas recentes, a cidade de Gramado, tradicional cidade turística da serra gaúcha, recebeu, ao longo do ano de 2023, a visita de mais de oito milhões de turistas.

O foco dos visitantes é desfrutar, ao máximo, o lazer que a vida lhes permite. O que mais os atrai são os modernos e diversificados parques temáticos (*Snowland*, Minimundo, NASA, NBA, Gruta etc.), além da famosa gastronomia e das belezas naturais da serra, como, por exemplo, o Lago Negro, próximo ao centro de Gramado e a Cascata do Caracol, situada na vizinha cidade de Canela.

O visitante estende, em seus programas, passeios aos vinhedos já famosos de outras cidades da serra, como Garibaldi, Bento Gonçalves, Farroupilha, Flores da Cunha, entre outras, que também cultivam bons vinhos.

Há, também, um tipo de turista especial, aquele que procura tornar seu ócio mais produtivo, além de prazeroso, incluindo, em seu lazer, horas de dedicação à leitura de um bom livro, dando a si mesmo a felicidade de viajar, gratuitamente, a lugares belos, surpreendentes e exóticos, sem depender dos próprios pés. Vale-se o leitor tão somente do recurso que lhe deu o Criador: a “imaginação”, para, ao percorrer as páginas de livros escritos por grandes escritores, conhecer as mais diferentes histórias de personagens com seus dramas, alegrias e sofrimentos.

Visitamos a cidade durante as férias por seis anos consecutivos. Finalmente, em junho de 2023, tornamo-nos moradores da cidade. Não dei chance ao tempo para satisfazer a curiosidade de conhecer o lugar onde espiritualmente se abrigam escritores cujas obras enriqueceram a humanidade tanto no campo das artes quanto das ciências.

Certo dia, já como habitante, reservei uma manhã para conhecer a casa desses seres especiais. Fui até a Rua São Pedro, no Centro da cidade. Parei em frente ao espaço ocupado por três órgãos públicos: Câmara de Vereadores (à frente), ao fundo, duas casas destinadas Educação e à Cultura: à direita de quem entra, a Secretaria Municipal de Educação; e, à esquerda, o alvo objeto do meu interesse, a Biblioteca Municipal.

A Biblioteca leva, honrosamente, o nome do escritor e psicanalista Cyro Martins, gaúcho de Quaraí, contemporâneo de Érico Veríssimo e integrante da “Geração de 30”, escritores considerados Neorrealistas tanto pelo uso da linguagem quanto pela escolha de seus temas.

Fui gentilmente recebido por Fernando e Sônia, que logo se revelaram, além de hospitaleiros, verdadeiros guardiões do rico acervo existente na casa, com milhares de livros de conteúdo científico, didático e literário.

Em breve histórico, Fernando ressaltou que a casa era uma construção centenária onde funcionara, no passado mais distante, uma vinícola. Razões financeiras, o acúmulo de dívidas, levaram ao seu fechamento, e a área que ela ocupava passou para as mãos da prefeitura municipal, como resultado de um processo de penhora.

O aspecto externo da casa se mantém com sua aparência original. Internamente, embora tenha recebido adaptações para atender às necessidades dos dias atuais, suas colunas originais ainda se mantêm íntegras e robustas, servindo de sustentação para seu espaço central. Desconheço, no entanto, o tipo de madeira da qual foram feitas. Por sua durabilidade e resistência devem ser oriundas de madeiras consideradas nobres, tais como: o cedro, o ipê, a peroba, o carvalho, o teca (“*tectona grandis*”) e a maçaranduba.

O acervo da casa contém milhares de obras relativas às diversas áreas de conhecimento, tendo, em sua maioria, obras sobre as diferentes manifestações artísticas: música, pintura, escultura, dança e literatura. Fiquei até constrangido, mas orgulhoso, em deixar ficar em uma de suas estantes meu pequeno “Retalhos da Vida”.

Pensei estar diante de uma obra do destino, e não do acaso, ao saber que uma vinícola tenha se tornado um abrigo para livros. Muitos foram os escritores que se fizeram acompanhar de um bom vinho nos momentos em que buscavam inspiração para libertar sua imaginação, acreditando ser essa bebida, ao mesmo tempo, fonte e cúmplice de suas verdades (“*in vino veritas*”).

Apesar da moderna tecnologia, que trouxe para a humanidade o computador, capaz de guardar um número infinito de informações, não abrimos mãos do privilégio de folhear um livro, usando os dedos para mudar de página e prosseguir a viagem. A sensação é a de sentir um imenso prazer ao preferir um gesto mais humano, menos mecânico.

Graças à existência das bibliotecas tradicionais a humanidade vê preservado o mais saudável hábito para seu enriquecimento intelectual e espiritual: ter a companhia de um bom livro, que não deve ser esquecido entre as diversas formas de lazer.

## UM CARIOCA EM GRAMADO

---

Rara é a pessoa que deixa de sonhar com a possibilidade de trabalhar, aposentar-se com saúde, viajar e conhecer lugares lindos.

Luiz Felipe, morador na cidade do Rio de Janeiro, exercendo a profissão para a qual se formou: Engenharia Mecânica, incluía-se entre os que alimentavam esse sonho. Aproximava-se o final do ano, véspera de sua aposentadoria. Após trinta e cinco anos de trabalho, não via a hora de pôr em prática o que planejara ao longo de todo esse tempo, cuja rotina era seu trabalho diário, reservando os fins de semana para dedicar-se à família.

Já com os filhos crescidos, estudos concluídos, encaminhados profissionalmente, decidiu aproveitar o almoço do último Domingo do mês de novembro para fazer, em tom solene, o seguinte anúncio:

— Queridos filhos e netos, comunico a todos que, a partir da semana que vem, serei mais um dos felizes aposentados.

Ergueu-se da cadeira, levantou a mão direita, sacudiu no ar duas passagens aéreas e prosseguiu:

— Terça-feira próxima eu e Cristina embarcaremos para a serra gaúcha, onde passaremos as festas natalinas na cidade de Gramado. Tudo previsto e providenciado: hotel, passeios etc. Ficaremos lá durante o mês de dezembro, no mínimo.

A família toda aplaudiu os planos daqueles que tanto fizeram por eles, alegres por verem seus pais amados decididos a *curtir* a vida que sonharam.

À noite, a sós, a esposa agradeceu ao marido tudo que fez pela família. Disse sentir-se recompensada pelos sacrifícios que fizeram, pelas renúncias feitas para que pudessem dar aos filhos a melhor educação possível. Disse não imaginar que já começariam a desfrutar de uma nova vida, que em dois dias estariam na cidade onde passaram a lua de mel e na qual sonhou morar um dia.

Na terça-feira da semana seguinte, cedinho, tomaram um táxi em direção ao Aeroporto Santos Dumont, tensos e felizes como dois adolescentes. Em menos de duas horas estavam no Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Meia hora depois, estavam no ônibus, partindo do aeroporto juntamente com outros passageiros, com caras de turistas, rumo a Gramado. Durante o trajeto, sentiram um certo desconforto ao perceberem que a duração da viagem já ultrapassava o tempo de voo que fizeram até capital gaúcha. Entretanto, ao perceberem que o ônibus, depois de passar pelas cidades de Taquara, Igrejinha e Três Coroas, começava a subir a serra, o estado de espírito deles mudou, deslumbrados pela estrada sinuosa que se desenhava por entre as árvores e pelo visual que

tinham diante de seus olhos: os vales e as montanhas encobertos por variadas espécies de árvores e flores. Chegaram à rodoviária de Gramado sob uma névoa fina que os levou a se perguntarem se estavam no Brasil ou na Suíça. Não cabiam em si de contentes.

À noite, um tanto cansados, mas famintos, foram os primeiros a chegar ao restaurante para o jantar. Sabiam que a fama da culinária era também um dos atrativos daquela cidade, elogiada pelos milhares de turistas que a visitam.

Ao retornarem ao apartamento, o sono não tardou. Ainda com o relógio biológico programado como se o dia seguinte os despertasse para mais um dia de trabalho, foram tomar café, surpresos com a farturas de tipos de pães e salgados próprios daquela região de imigrantes. Cristina decidiu subir para o apartamento, ansiosa para organizar sua cabeça a fim de viver os próximos dias em plena felicidade. Lembrou-se também de que precisava telefonar para os filhos e netos. Luiz Felipe, que gostava de caminhar, por recomendação médica e pela curiosidade de conhecer os encantos do lugar, saiu a passear. Percorreu a avenida Borges de Medeiros e algumas de suas transversais, deslumbrado com a ornamentação dos canteiros centrais, das fachadas das lojas e das rótulas que substituem os semáforos para disciplinar o trânsito. Admirou-se até com a linda arquitetura do banheiro público, além da limpeza e conservação.

Luiz Felipe, nessa caminhada, enveredou para uma das transversais um pouco mais afastada da rua principal. De repente, nos fundos de um terreno, cerca de vinte metros distante de calçada, chamou-lhe a atenção uma pequena e linda casa de madeira ostentando, na fachada, o nome de uma floricultura. Como era cedo ainda, o comércio ainda fechado, estranhou que a porta da frente estivesse entreaberta. Pensou então que seria a oportunidade de conhecer a primeira loja do lugar. Encaminhou-se até a porta. Deu um “bom dia” em voz alta, antes de entrar. Não houve resposta. Empurrou mais uns centímetros e surpreendeu-se ao ver uma bonita moça semi-inconsciente sentada no assoalho com as costas apoiadas no balcão. Assustou-se com a cena, mas não podia abandoná-la naquelas circunstâncias. Tinha-se prevenido para eventuais acidentes, anotando os números de telefones de utilidade pública. Ligou para os paramédicos do corpo de bombeiros da cidade, discando 192. Foi imediatamente atendido e em quinze minutos estava a ambulância no local. Logo em seguida, um carro da polícia também apareceu. Luiz Felipe não sabia explicar o porquê de estar a moça daquele jeito. Questionado pela polícia, disse tratar-se de um turista recém-aposentado, que acabava de chegar à cidade e que, por acaso, passava por ali, curioso por conhecer a cidade.

A ambulância levou a paciente para o hospital da cidade, e a polícia deteve o estranho socorrista para apurar o fato.

Luiz Felipe tratou logo de telefonar para Cristina e colocou-a a par do ocorrido. Preocupada, ela correu até a delegacia de polícia, situada na Borges de Medeiros, e confirmou aos policiais o que o marido havia dito, informando o nome do hotel onde estavam hospedados.

Pouco tempo depois, a polícia levou o casal até o hotel e disse ao gerente que, se não fosse a ação rápida de Luiz Felipe, a moça da floricultura teria perdido o neném, pois estava grávida e já na semana prevista para o nascimento do filho. Acrescentou que hora e meia depois houve o parto de urgência, e que ambos, mãe e filho foram salvos.

A polícia, ainda no hotel, declarou ter sido um ato heroico do hóspede que a casa acabava de receber.

Durante o jantar, o gerente do hotel pediu atenção aos presentes no restaurante e anunciou a todos que ali a seu lado estava um hóspede que praticou um ato heroico ao salvar uma moradora de Gramado da possível perda do filho. Abriu um *champanhe* e convidou a todos para fazer um brinde a ele, seguido do aplauso de todos.

Passaram-se duas semanas e o casal gramadense, apareceu no hotel para convidá-los para jantar. Insistiram em levá-los ao famoso desfile natalino de Gramado. Ao saberem que o casal carioca iniciava uma nova vida, a de aposentados, sugeriram a eles que Gramado seria o melhor lugar do planeta para se viver.

Luiz Felipe e Cristina tinham à frente um belo caminho a seguir em sua nova vida, e Gramado fazia parte de seus planos.

## UMA SOBREVIVENTE DO NAZISMO

---

Hoje em dia concentrar nosso olhar nas páginas de um livro é bem mais difícil do que manusear o celular, este símbolo da eletrônica moderna. Mas quando a história é rica pelo seu conteúdo, e narrada com talento, nada melhor do que conhecê-la por intermédio do veículo criado por Gutemberg.

A vida é imprevisível. Não foi a primeira vez que um livro veio ao meu encontro de forma inusitada. Certa vez, por volta do ano dois mil, em Copacabana, ao atravessar a rua Barata Ribeiro, quase ao anoitecer, quando pus o pé sobre a calçada do outro lado para ir ao salão de barbeiro, um livro passou de raspão em minha cabeça jogado do alto de um dos apartamentos do edifício. O livro fora escrito por um grande escritor americano sobre a vida de Vincent van Gogh, um dos maiores pintores de todos os tempos, cuja vida de sofrimento e talento merece ser conhecida de todos.

Em dezembro de 2023, um encontro casual, também de uma maneira pouco comum, chega às minhas mãos a história verídica da vida de Hertha Spier, uma sobrevivente do holocausto, prisioneira do gueto de Cracóvia e de dois outros campos de Concentração, única da família que sobreviveu até o final da guerra. Seus pais e irmãos não resistiram, sucumbiram às torturas nazistas.

Em uma das minhas andanças pelas ruas do bairro Bavária, em Gramado, num dia quente de verão, a sombra de uma árvore fez com que eu e uma senhora que vinha em sentido oposto nos cruzássemos e parássemos ao mesmo tempo para compartilhar aquela sombra generosa. O encontro casual gerou uma saudação amistosa. Perguntei a ela se morava nas imediações. Sua resposta foi muito cordial:

— Meu senhor, moro pertinho, na segunda casa depois daquele edifício novo ali. Sou zeladora da casa. Fui empregada e acompanhante de uma senhora que foi prisioneira na segunda guerra mundial. Sofreu muito na prisão. Como é que as pessoas chamam? ... sim, o nome é “campo de concentração”. Com a morte dela, quis entregar a chave da casa aos dois filhos, mas eles insistiram para que eu ficasse. Vivi na casa em companhia da mãe deles durante vinte e cinco anos. Tenho lá o livro contando a vida dela. O Senhor gostaria que eu lhe emprestasse?

Recebi a pergunta como se fosse um presente do Natal, que se aproximava. Trocamos os endereços telefônicos para que pudéssemos marcar o dia em que receberia aquele mimo precioso. Não via a hora de tê-lo em mãos.

Por incrível que pareça, ainda há pessoas que não acreditam em fatos históricos sobre as piores atrocidades praticadas contra a humanidade em passado recente.

No final da primeira metade do século passado surgiu, na Alemanha, o movimento nazista liderado por Adolf Hitler, um homem movido pela ambição e pelo fanatismo, que, amparando-se em uma absurda ideologia de supremacia racial, dizimou grande parte da população judaica do continente europeu durante a Segunda Guerra Mundial.

O autor da Biografia, o excelente escritor gaúcho Tailor Diniz, resume em sua introdução:

— “Herta Spier conseguiu sobreviver ao terror, à tortura psicológica, à fome, ao frio, à tuberculose e à morte dos pais e dos irmãos(...)”

Ela foi libertada pelas tropas inglesas em 15 de abril de 1945, no campo de Bergen-Belsen, na Alemanha. Encontrava-se inconsciente, com tuberculose e desnutrição. Recebeu o tratamento, juntamente com outras sobreviventes, durante meses pelo governo Suíço até recuperar a saúde. Em 1946 viajou para Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Sua história foi documentada e faz parte do Acervo da Fundação “Survivors of the Shoah”, presidida por Steve Spielberg.

Vale a pena ler “A Sobrevivente A21646” e conhecer a incrível vida de Hertha, em cujo braço foi tatuado, no campo de concentração, o número de prisioneira e que compõe o título do livro. O livro traz detalhes tanto de sua vida em campo de concentração quanto de sua vinda para o Brasil, onde constituiu família, teve filhos, netos e bisnetos.

Hertha viveu 102 anos. Seus últimos anos se passaram na tranquila e bela cidade de Gramado, Serra gaúcha.

## O DESAJUSTADO SOCIAL

---

Segundo a psicologia, ser humano normal é aquele, grosso modo, capaz de desempenhar suas atividades, de acordo com suas potencialidades, sem estar subjugado a uma alta carga de ansiedade.

Para a sociedade, indivíduo normal é aquele com aparência e comportamento que estejam dentro dos padrões aceitos pela população de determinada sociedade.

O que me intriga é o modo como vivem aqueles cujo destino os impede de servir aos interesses dos que só pensam em ascensão social. Nesse caso, a maioria dos indivíduos. Aqueles que, por infelicidade, não atendem aos estereótipos sociais são marginalizados, mesmo sem praticar nenhum destes males: roubar, mentir, caluniar, corromper, matar.

Certo dia, voltando de uma caminhada matinal, que fiz até o Lago Negro, o belo parque natural de Gramado, descendo a estradinha cercada pelas árvores frondosas daquela área florestal, topei com um jovem que estava com sua moto sob a sombra dos galhos dos pinheiros e eucaliptos. Ao me aproximar dele saudei-o cordialmente. Ele, atencioso e comunicativo, disse que estava ali para colher gengibre do mato. Disse-lhe que não sabia que havia tal espécie no interior daquela mata. O rapaz foi até a moto, quebrou um pedaço da raiz daquela planta que havia colhido e me deu, ressaltando entusiasticamente suas inúmeras propriedades medicinais:

— Essa raiz cura a gastrite, combate a má digestão, a azia, o enjoo, a pressão alta, o resfriado, o colesterol alto, além de ajudar a emagrecer.

Tive a impressão de que o jovem havia decorado uma bula de remédio.

Disse-me que estava indo buscar a esposa, que trabalhava como recreadora de uma creche próxima ao Lago Negro e que era técnico em eletricidade. Travou-se um diálogo em que só ele praticamente falava. Pareceu-me um rapaz que tinha necessidade de ser ouvido, por isso falava com intensa verbosidade.

Até aquele momento, o “diálogo” transcorria bem, a conversa fluía animada e prazerosa. Cheguei a ficar impressionado com o discurso do motoqueiro catador de gengibre. De repente, ele mudou de assunto, fazendo revelações que, segundo ele, eram de seu exclusivo conhecimento:

— Olha, meu amigo, aqui nesta serra — falava como se fosse me confidenciar algo de extremo sigilo —, há cavernas com grandes jazidas de pedras preciosas em suas profundezas. São protegidas, há milhares de anos, por seres alienígenas que habitam essas matas daqui da região. Moro num sítio perto daqui. Os fundos do sítio dão para a floresta. Muitas vezes, vi alguns deles andando por lá, geralmente à tardinha, mas, quando me veem, fogem para dentro da mata. Eles têm estatura pequena, cerca de meio metro, corpo de humano e cabeça de animal. Costumam roubar de nossa horta algumas

verduras e pegar algumas galinhas que ficam soltas por lá. Um dia, depois de alguns anos, embora com medo de passar por ridículo, falei com minha mãe sobre eles, dizendo a ela que costumavam aparecer no fundo do sítio. Tive uma grande surpresa com o que ouvi dela:

— Ora, filho, estou acostumada com eles. Vejo essas criaturas há mais de vinte anos.

Depois do que ouvi do jovem e da crença na existência de seres estranhos, perdi o entusiasmo pela conversa e, delicadamente, desculpei-me por ter um compromisso inadiável em poucas horas. Despedi-me do jovem agradecendo por ele ter confiado suas revelações a mim e manifestei a esperança de reencontrá-lo em caminhadas futuras. Levei comigo, obviamente, o pedaço de raiz que ele me presenteou.

Percorrendo o caminho de volta para casa, pensei no meu novo e estranho amigo, intrigado com o tipo de vida que estaria levando, certo da rejeição que estaria sofrendo por parte da sociedade, uma sociedade que aparenta seguir religiosamente um padrão de normalidade e que não admite alguém que revele sonhos e ilusões mirabolantes. No entanto, admite conviver pacificamente, andar de mãos dadas com quem rouba, corrompe, mente, calunia, e até mata. Pessoas, como esse jovem, são simplesmente alijadas do convívio social, tornam-se invisíveis para a sociedade, sem a mínima chance de interagir com os “normais”.

Imaginei que ele estaria levando uma vida idêntica à de um condenado ao degredo, sentenciado pela imaculada sociedade, que lhe nega o convívio entre os saudáveis, honestos e generosos cidadãos. Dediquei a ele quase duas horas de atenção, que talvez tenha feito bem para ele, mas nem por isso deixo de fazer parte dos que o condenam ao eterno ostracismo social.

## UM OLHAR DA JANELA

---

Da janela da sala, numa manhã fria do mês de julho, tento sair da minha pequenez humana. Ouso, contemplando a natureza ao redor, fazer uma reflexão sobre o sentido da existência.

Com o olhar voltado para fora da janela da sala, talvez para compensar o estado sonolento e ainda confuso do pensamento, vejo alguns pedestres caminhando corajosamente pelas ruas do bairro tranquilo e florido de Gramado. Uma pracinha em frente ostenta imponentes pinheiros que, nessa época, espalham suas pinhas secas pela grama, à mercê daqueles que dispõem de uma lareira em casa.

Tento imaginar o que estaria passando pela cabeça daqueles valentes gatos pingados enfrentando a manhã gelada, com o Sol se escondendo entre nuvens cinzentas: Alguns fazendo sua caminhada diária ou se deslocando até a padaria mais próxima; outros, indo cumprir suas tarefas em lojas, mercados, pousadas e hotéis da cidade.

Mas o que mais me intrigava era o que eles estariam carregando mais profundamente. Seriam pensamentos otimistas ou pessimistas, construtivos ou nocivos à própria existência. Estariam andando com espírito leve ou suportando o peso de ideias perturbadoras, como desarmonia familiar, decepção amorosa, problemas financeiros, desemprego etc.

Lá pelas tantas, dou-me conta de que as minhas ideias não focavam nas coisas boas. Viro, então, a página, procuro mudar meu estado de alma e passo a torcer para que todos aqueles passantes estejam de bem com a vida: felizes no amor, felizes no emprego, família em harmonia, fé no futuro e no Criador. Torço para que todos estejam com o espírito pleno de gratidão por tudo, pela natureza magnífica que os envolve, pelos pássaros e animais que gratuitamente os encantam. Que estejam, enfim, livres de aflições perturbadoras.

Tive, finalmente, a sensação de que o simples desejo de paz, de harmonia e de felicidade para os desconhecidos passantes me levaram a acreditar que minha casa era, naquele momento, o templo onde acabava de fazer minha oração diária.

## ENCONTROS CASUAIS

---

Uma das estratégias que um aposentado pode adotar para tornar as horas de seus dias mais proveitosas é valer-se das oportunidades dos encontros com pessoas desconhecidas para saber um pouco mais sobre os seres humanos, pois cada indivíduo tem sua história. É claro que, para usufruir desse tipo de conexão, há que se ter o cuidado de preservar a privacidade do outro, sem atrapalhar o tempo que as pessoas dedicam para o cumprimento de suas obrigações. As possibilidades de um diálogo construtivo podem se dar de diversas maneiras e nos mais diferentes lugares, como lojas, mercados, restaurantes etc.

O diálogo entre duas pessoas estranhas tem, necessariamente, de acrescentar algo benéfico, algo do qual ambos tenham proveito, que lhes traga alegria ao espírito.

A pessoa mais idosa não deve ser vista como alguém que não tem nada para fazer, que fica atrapalhando a vida dos outros, um nefelibata, isto é, alguém que vive nas nuvens, que deveria estar em casa, sentado no sofá, vendo TV.

Desconheço qualquer pesquisa ou análise sobre os efeitos dos diálogos imprevistos entre pessoas que nunca se viram na vida. Mas a experiência nos revela que muitos trabalhadores respondem positivamente diante de indagações que lhes são feitas educadamente, civilizadamente, o que nem sempre acontece neste mundo movido pela pressa e pelo egocentrismo. Percebe-se que a maioria daqueles que trabalham no front do local de trabalho, aqueles que têm a obrigação de atender ao público, sem direito a se lamentarem quando são maltratados, sob pena de perderem o emprego, mostram-se simpáticos e alegres, por não se sentirem “seres invisíveis”.

Sinto prazer quando sou recebido por alguns funcionários, ao chegar a alguns mercados, por exemplo, com uma saudação amável e educada:

— “Bom dia, professor”, ou, “bom dia Seu Flores”.

A mim, saudação desse tipo soa como se fosse um medicamento para o espírito, sem precisar estar na farmácia ou na igreja.

Há saudações, no entanto, que parecem mais uma súplica por atenção, uma espécie de pedido de socorro. Hoje, ao sair de um mercado situado na florida Av. das Hortênsias, em Gramado, antes de cruzar com uma senhora idosa, na mesma calçada, ela dirigiu-se a mim, falando o mais alto que pôde:

— Nossas cabeças estão parecidas — referindo-se aos cabelos brancos.

Aproximei-me dela e lhe perguntei o nome, se estava a passeio ou era moradora. Disse chamar-se Adelaide e, antes que ela me perguntasse, mencionei o meu.

Tanto a fisionomia sombria quanta a resposta dela não combinavam com o belo cenário da cidade, que recebe milhares de turistas anualmente, encantados por sua beleza e hospitalidade.

— Olha, disse ela, morei grande parte de minha vida aqui, depois residi em outras cidades. Volto agora para Gramado para morrer. Vivo agora abaixo de remédios antidepressivos.

Reagi ao que ela acabara de falar, dizendo-lhe, em tom de advertência:

— A senhora não deveria pensar assim, afinal está voltando para o lugar onde foi feliz.

— Não tenho mais motivo para viver, disse ela, e continuou: perdi meu marido faz oito meses e, há pouco mais de um ano, perdi meu único filho de câncer. Ele tinha pouco mais de quarenta anos.

Meio embasbacado com o que acabava de ouvir, procurei reagir ao clima de lamentação e de tristeza que se criou. Não poderia embarcar no mesmo estado de espírito em que ela se achava.

— Adelaide, falei pausadamente: lembra-te de que viemos ao mundo com a missão de viver a vida que Deus nos deu, de viver experiências sejam quais forem elas. Não esqueças que teu marido e teu filho te amavam muito e querem, certamente, que tu sejas uma pessoa feliz, que desfrutes a vida com alegria e gratidão. Eles ficariam tristes e desapontados se te vissem sem vontade de viver. Reaja não só por ti, mas por eles também.

Antes de nos despedirmos, perguntei onde ela estava morando. Mais animadinha, respondeu-me:

— Moro aqui, neste bairro mesmo.

Para dar a entender que possivelmente voltaríamos a nos encontrar, concluí:

— Então, certamente iremos nos ver e conversar mais, pois moro do outro lado desta avenida, que separa estes dois bairros: Planalto e Bavária. Somos vizinhos.

Voltei para casa com a certeza do que a vida já havia me ensinado: não conhecemos as pessoas pela simples aparência. Desconhecemos o que elas guardam dentro de si.

## ALEXANDRE DUMAS E HONORÉ DE BALZAC

---

Guardo comigo livros antigos, já marcados pelo tempo, que falam da vida dos grandes filósofos, dos grandes escritores e dos grandes compositores. A história da vida deles sempre me fascinou pela aparente anormalidade que revelaram em seu comportamento. Tem-se a impressão de que todos, praticamente, mostraram-se fora do prumo, em descompasso com os hábitos e costumes da sociedade de seu tempo.

Alexandre Dumas, Pai (1802 – 1870), nasceu em *Villers Cotterêts*, comunidade do interior da França, hoje intitulada “Cidade Internacional da Língua Francesa”. Ainda jovem, por ter uma letra muito bonita, sua caligrafia lhe permitiu ter um emprego de auxiliar de cartório. Desde criança alimentava o sonho de ir para Paris. Contam que ele era um excelente jogador de sinuca. Certo dia varou a noite jogando até conseguir dinheiro suficiente para viajar até a capital francesa.

Destacou-se não só por gostar de literatura, também por ser farrista e mulherengo. Teve, pelo que se sabe de sua biografia, vários filhos ilegítimos. Dedicou-se inicialmente à dramaturgia, tida, na época, como a mais nobre das atividades artístico-literárias. As histórias dramatizadas no palco tinham a preferência da sociedade francesa. O Romance começava a despertar o interesse do público, mas não era tão valorizado pela elite.

Sua primeira peça não obteve sucesso, mas foi grandemente aplaudido em sua segunda obra: “Henrique III e sua Corte”, cuja história se desenvolve carregada de grandes emoções.

Tornou-se o introdutor do Teatro Romântico francês. Mas sua fama, mundo a fora, se deve a seus romances, que se tornaram célebres, entre os quais destacam-se, como mais famosos, “Os Três Mosqueteiros”; “O Conde de Monte Cristo”; “O Homem da Máscara de Ferro”; “A Rainha Margot”; “A Tulipa Negra”. Tais obras são impregnadas de subjetivismo, de sentimentalismo exagerado, características do romantismo francês.

Se Alexandre Dumas é o grande representante do Romantismo, outro grande escritor contemporâneo dele é considerado o introdutor do Realismo Moderno: Honoré de Balzac. Suas obras mais importantes são “A mulher de Trinta” e “Eugène Grandet”.

Balzac era conhecido por sua vaidade. Diz a história que Balzac, o grande dramaturgo da época, durante uma conversa entre intelectuais e homens da nobreza parisiense, em tom de menosprezo aos romances de seu rival em popularidade, virou-se para Alexandre e falou:

— Meu jovem, quando eu perder meu talento, passarei a escrever romances.

Alexandre não perdeu a viagem e respondeu de pronto:

— Já deveria ter começado há muito tempo.

No passado, a literatura francesa teve supremacia no Brasil. Os escritores franceses detinham a preferência dos leitores brasileiros.

A França, por intermédio do governo francês, estimulou esta aproximação. Patrocinou a construção da sede inicial da Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro: uma réplica do “Petit Trianon”, casa onde se refugiava a rainha Maria Antonieta, esposa de Luiz XVI, quando queria fugir do ambiente pesado causado pela nobreza que habitava o Palácio de Versalles.

Esses dois escritores contribuíram muito para o enriquecimento literário mundial, propiciando aos seus milhares de leitores o prazer de viajar pela imaginação, de sonhar, de se emocionar, de se enriquecer intelectualmente e espiritualmente.

## A IMPRUDÊNCIA DE UM EX-CADETE

---

Quem presta serviço militar guarda boas lembranças da caserna. Muitas amizades se constroem e se preservam para a vida toda.

Há, no entanto, experiências que repercutem negativamente no curso da vida de muitos jovens. Foi o caso de um ex-aluno do quarto ano da Academia Militar das Agulhas Negras, da década de sessenta, que protagonizou um episódio inusitado devido a uma de suas habilidades: a **imitação**. Ficticiamente, vou chamá-lo de “Roberto”.

A imitação, todos sabemos, traz benefícios desde nossos primeiros anos de vida. Por ela a criança começa a perceber o mundo, a apreender e esboçar certas emoções, a incluir-se no ambiente social de que faz parte. Na fase adulta, para aqueles com esse dom, a imitação surge como arte, principalmente no terreno humorístico.

O aluno da Academia Militar, durante quatro anos, além dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, deve desempenhar diversas atividades físicas, como, por exemplo, o treinamento do tiro com diferentes tipos de armas e a prática de vários tipos de esportes, como o atletismo e a natação, entre outras modalidades. Deve, também, revelar capacidade de saber se localizar em lugares desconhecidos, tanto de dia quanto de noite.

Um dos exercícios indispensáveis na formação do militar é o de saber orientar-se à noite com o auxílio da bússola. Certo dia a Companhia de Roberto deslocou-se até as montanhas da Serra das Agulhas Negras com a finalidade de praticar exercícios de orientação em lugares com diferentes tipos de obstáculos.

Durante a caminhada noturna por entre matos e trilhas íngremes, os cadetes recebiam instruções do capitão comandante da companhia. Um grupo de cadetes, já em início da jornada, receberam as coordenadas que, supostamente, vinham da voz comandante. Na realidade tinham vindo da boca do cadete Roberto, que não nutria simpatia pelo capitão, cuja voz trovejante ele achava por demais autoritária e repulsiva, mas que não o impedia de imitá-lo com perfeição.

A mudança de coordenadas fez com que os cadetes tomassem a direção errada, sujeitando o grupo a riscos de vida. Alguns cadetes despencaram numa ribanceira perigosa, sofrendo ferimentos graves, quase fatais.

A “brincadeira”, fruto de uma atitude imprudente e irresponsável de Roberto causou, como consequência, seu desligamento do Corpo de Cadetes da Academia.

Encerrou-se, assim, a carreira militar de um jovem, que, por imprudência, sem pensar nos riscos que sua atitude causaria, depois dos quatro anos de estudos e sacrifícios, jogou por terra a profissão de seus sonhos.

Gostaria de saber como o jovem Roberto deu prosseguimento a sua vida, que rumo teria tomado após essa amarga experiência. Espero que tenha superado as desastrosas consequências de seus atos, que tenha encontrado a felicidade por outros caminhos. Talvez (quem sabe?), tenha se beneficiado de seus dotes de perfeito imitador na atividade artística.

A verdade é que a impetuosidade e a imaturidade de alguns jovens fazem com que eles, precipitadamente, interfiram no rumo que previram para a própria vida.

## UMA FUGA DA CIDADE

---

A vida é, realmente, imprevisível. Muitas amizades nascem em circunstâncias inesperadas.

Morei no Rio de Janeiro desde janeiro de 1972. Por volta de 1984, decidi ir em busca de um lugar que me fizesse sentir distante do aglomerado de pessoas da cidade grande, longe da “muvuca”, como se diz no Rio.

Aproveitando um feriado prolongado, mal amanhecia o dia, entrei no carro e saí de Copacabana em direção ao Aterro do Flamengo, um trecho com mais de dois quilômetros de extensão.

Na realidade, este aterro começa na Enseada de Botafogo, com vista para a deslumbrante Baía da Guanabara, continua pela orla marítima que margeia a praia, rota conhecida como Parque do Flamengo, inaugurado em 1965. Para tornar mais rica e bela a paisagem desse lugar, a Obra Divina plantou nela dois monumentos encantadores: um, afastado da praia, o Morro do Corcovado, com setecentos metros de altura, tendo em seu ponto mais alto o Cristo Redentor, com seus trinta e oito metros de altura; outro, junto ao mar, o Morro Pão de Açúcar, também famoso mundo a fora. Quem passa por lá, diante desse cenário deslumbrante, não deixa de se perguntar quem criou tamanha beleza.

Com o propósito de criar mais espaço entre o Centro da cidade e a Zona Sul, o aterro foi construído com oito pistas de asfalto: quatro no sentido do centro e quatro no sentido zona sul. Produziu-se ali uma verdadeira obra da natureza, onde diversas variedades de plantas, escolhidas pelo famoso paisagista Roberto Burle Marx, foram cultivadas para o encantamento dos que por lá passam. Tem-se a sensação, por um momento, de que se está envolvido pelo verde das plantas e pelo azul do mar, despertando em quem percorre suas pistas o desejo de parar o carro e usufruir, a pé, toda aquela maravilha.

Prosseguindo a viagem, no final do aterro, passo em frente ao charmoso Aeroporto Santos Dumond e, trezentos metros adiante, subo o viaduto que vai desembocar na ponte Rio-Niterói, depois de ter passado em frente aos inúmeros galpões do Cais do Porto, que dão acesso visual aos navios de turistas e aos cargueiros com seus gigantescos guindastes.

Iniciei a travessia dos treze quilômetros de ponte em direção à Serra de Friburgo, disposto a percorrer os cento e quarenta quilômetros que separam a cidade serrana da capital. Logo na entrada da cidade, saí da via principal, entrei à direita e segui por uma estrada estreita, em sentido contrário ao da cidade de Friburgo. Não queria ir de uma cidade grande para outra. Dirigi pouco mais de meia hora até chegar a um lugarejo, que atrai jovens seduzidos pela natureza, chamado Lumiar. Com suas cachoeiras e correntezas, Lumiar atrai as pessoas que querem a paz, a beleza e o silêncio. Pela beleza do lugar pode ter atraído muita gente e ter-se tornado mais populoso, com um comércio mais

desenvolvido, mas, na época, era tão pequeno que, num piscar de olhos, entrava na vila e saía dela sem perceber. Seus pontos principais eram uma pracinha, com árvores e banquinhos em sua volta, um mercadinho e uma padaria.

Parei junto à calçada da rua que circundava a pracinha e fiz uma visita a um professor aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF), que lá estava morando. Disse-me que estava traduzindo um livro de um famoso escritor francês contemporâneo. Fiquei impressionado com a simplicidade de seu modo de vida e com certa inveja da decisão de ter ido parar naquele lugar idílico. O melhor da recepção se deu quando ele me ofereceu um trago da cachaça da região. Aí, tive a sensação de ter sido recompensado pela longa viagem e de ter sido muito bem-vindo ao recanto.

Meu destino final estava pouco mais além. Ultrapassei uma pontezinha sobre a qual mal passava um carro de cada vez; defrontei-me com uma encruzilhada, que sinalizava as localidades de São Pedro, para a esquerda e Boa Vista para a direita. Segui na estrada de chão batido por cerca de dez quilômetros, rumo à Boa Vista. Ao chegar ao destino, tive de ultrapassar outra pontezinha que marcava a entrada da vila. Logo de cara me deparei com o principal edifício do lugar: um sobrado de arquitetura modesta, mas amplo, onde partes do primeiro andar abrigava, como garagem, um caminhão, uma caminhonete e uma moto. Era a residência do proprietário de grande parte daquelas montanhas.

O sobrado era o ponto central de uma área a partir da qual duas ruas se seguiam: uma para a esquerda de quem entra; outra para a direita. Esta dá acesso a quem deseja subir a montanha, seja de carro, seja a pé. Tanto no início da rua da esquerda quanto no início da rua da direita, ambas de frente para o sobrado, havia duas vendas, pequenas casas de comércio: a da esquerda era mais especializada em material elétrico, pequenas ferramentas, velas, lampiões e bujões de gás; a da direita era mais sortida, tinha alimentos de vários tipos, além dos dois produtos mais procurados pelos moradores das redondezas: a cachaça e o cigarro.

Estacionei o carro e me encaminhei até a venda, casa de comércio que na fronteira gaúcha chamávamos de “bolicho”, e me dirigi a um senhor de aparência simples, revelando ser o típico caipira da região. Com seu português de roça, com aquele sotaque engraçado e cativante, convidou-me para um trago de cachaça, já colocando os copos em cima do balcão rústico, de madeira grossa, meio falquejada. O caipira que alegremente deu uma de anfitrião era o dono do sobrado, dos carros da garagem e das duas casas de comércio. Atendia pelo nome de Lineu. Lineu mostrou-se logo conhecedor de idiomas, afirmando ter descoberto o meu sotaque de gaúcho, pois tivera um grande amigo do Sul, do qual jamais esqueceu. Senti que estava em casa e que ser gaúcho era uma espécie de passaporte seguro para aquele paraíso. Ao lhe dizer que eu tinha interesse em alugar uma casa no

alto da serra, ofereceu-se para me levar a uma das que ele dispunha para turistas que não priorizassem o luxo.

Começamos então a subir a serra por três quilômetros, com o carro cambaleando por uma estrada com valas profundas e pedras salientes e robustas. Havia o risco de empacar no caminho, de ter o carro preso em uma das valas ou acavalado em uma das pedras.

Senti, mais uma vez, o bom acolhimento por parte do nobre anfitrião, pois me destinou uma casa de alvenaria com fogão a lenha, de tijolos, com uma grande chapa de ferro, com banheiro digno e dois quartos de dormir, além da sala cuja porta de entrada dava vista para a mata entre a qual corria o rio que descia do alto da serra. A casa tinha ao seu redor uma varanda com uma larga calçada de cerâmica avermelhada, com mourões de eucaliptos que lhe serviam de sustentação e que lhe davam o aspecto de uma autêntica casa rural. O que me impressionou bastante foi o fato de poder enxergar, da varanda, a água do rio que despencava de seu leito de nível mais elevado e formava uma bela cachoeira. Era um convite para tomar o café da manhã diante daquele magnífico cenário.

Lineu cultivava produtos agrícolas que, segundo ele, eram apropriados para aquelas montanhas, como mandioca (aipim), pimentão e inhame.

Colhi essas informações bebendo uma caipirinha que preparei para celebrar a chegada àquele lindo lugar, que foi compartilhada com indisfarçável prazer pelo amigo Lineu. Como diziam na fronteira, “lambia os beiços” quando entornava a cachacinha com mel e limão. A intenção não era a de fazer dela uma preliminar de negócios, mas creio que serviu de estímulo para o gesto de boa vontade dele quando lhe perguntei se me venderia um pouco de aipim. Pareceu o resgate de um passado distante, época do escambo, em que se fazia a troca de uma mercadoria por outra, quando não existia a moeda. A caipirinha, no caso, foi a moeda de troca pelo aipim. Só que essa troca foi muito vantajosa, pois Lineu me disse que eu poderia arrancar a quantidade que quisesse, na hora que precisasse.

O jantar foi, portanto, uma panelada de aipim, cozido no fogão a lenha, acompanhada da manteiga adquirida na venda do Lineu. Cansado da viagem, ao som do estridular dos grilos, adormeci cedo.

No dia seguinte, após o café, com aquela vista para a cachoeira, iniciei uma caminhada rumo à parte mais alta da serra. Logo adiante, uns dois quilômetros acima, vi o mesmo rio que se escondia entre as árvores em frente a “minha” casa, correndo livremente, a descoberto, com suas águas claras, nos fundos do terreno de uma casa que parecia inabitada. Desejei chegar pertinho daquele trecho do rio. Bati palmas, para não ser tido como intruso, mas ninguém apareceu. Então abri o portão e fui satisfazer a curiosidade. Estava lá, molhando as mãos nas águas límpidas e frias, quando entra pelo

portão um casal com cara de poucos amigos. A mulher, mostrou-se logo ofendida com minha invasão ao terreno alheio, que era o dela:

— O que você está fazendo em nosso terreno? — Exclamou.

O companheiro dela mostrou-se mais educado e me acolheu amavelmente quando expliquei a razão do meu atrevimento. Argumentei que não resisti ao desejo de admirar de perto aquele rio de águas cristalinas descendo em harmonia com o verde do gramado de suas margens. Dei-lhes os parabéns pelo privilégio de poderem desfrutar de tão belo cenário.

A senhora recolheu o muxoxo de desagrado que tinha ensaiado para demonstrar sua insatisfação, enquanto o marido recebeu minha invasão como um elogio ao lugar paradisíaco que tivera a sorte de adquirir. Ele logo confidenciou que havia comprado aquele lugar com o dinheiro da indenização que recebera de onde havia sido demitido.

Assim, de forma imprevisível, quase acidental, conheci meu amigo e conterrâneo Reno Mancuso, natural de Caxias do Sul.

Reno fez jornalismo, mas desde pequeno seguiu os passos do pai, famoso jornalista em sua terra. Trabalhou na Rede Globo entre 1974 e 1980. Morou na Inglaterra como cinegrafista do “Fantástico”, depois entrou para o chamado livro preto da Globo. Foi demitido sem chance de retorno.

Reno é um cara autêntico, franco, de personalidade muito forte. É aquele tipo de gaúcho que não leva desaforo pra casa.

Ao saber que ele fazia trabalhos “freelancer”, comentei com um amigo responsável pelo setor de áudio visual do Senac/Rio sobre este talentoso profissional que estava à deriva no mercado. Ressaltei que, embora perdesse para um garotão no critério da idade, ganharia, disparado, de todos os outros em talento e competência.

Foi chamado para uma conversa com o profissional do setor, por meio da qual Reno os convenceu de forma inequívoca sobre sua capacidade para dar aulas de fotografia e vídeos.

A instituição não perdeu a oportunidade de ter em seus quadros um profissional do naipe do meu amigo. Reno foi transmitir aos jovens com pendores para a arte da fotografia, especialmente, tudo o que sabia, toda a sua experiência e talento nesta fantástica arte de captar cenas que normalmente passam despercebidas dos olhares comuns.

Ganhei assim, de forma inusitada, um grande amigo e um excepcional colega.

Não se pode prever as consequências de certas decisões despreziosas que tomamos. A viagem que tinha o propósito de ser uma mera fuga do burburinho de uma grande cidade, deu-me o prazer de conhecer um lugar maravilhoso e de fazer novas e grandes amizades.

## MEU AMIGO JB

---

Ao longo da vida, convivemos, em função das circunstâncias, especialmente profissionais, com pessoas das mais diferentes características.

Tive a felicidade de conviver com um colega de profissão — magistério — durante mais de vinte anos, no Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro; outros vinte convivendo, fraternalmente, fora do compromisso com horários e tarefas de trabalho.

Aprendi muito com meu amigo e irmão carioca João Baptista de Oliveira (JB). Ele é daquelas pessoas que nos dão exemplos de bem proceder, de reconhecer as condições e limitações próprias do ser humano, de respeitar o outro, de como exercitar a solidariedade, de renunciar à tentação da inveja e do interesse material; enfim, agir dentro dos valores que Cristo pregou e nos quais acredita piamente.

Amizade de pessoas assim nos fortalece e nos alimenta de bons sentimentos, nos ajuda a ter paz e nos serve de farol para dar passos mais seguros na vida.

Não vou esmiuçar as qualidades desse meu amigo, de suas virtudes de educador exemplar, tanto como professor regente quanto diretor de escola que foi. Além de excelente professor de Língua Portuguesa e Literatura, falava fluentemente o Espanhol e o Francês, sem desprezar as heranças do Latim. Usei o verbo no passado, porque, hoje, em virtude de um AVC, que sofreu há três anos, não consegue sequer escrever e mal consegue falar.

A pequena viagem que fizemos à Europa, em família: eu, Lilian e nosso filho Felipe, tornou-se mais alegre e prazerosa graças à sua companhia, que, além de sua presença fraternal, ajudou-nos na comunicação com os franceses.

É muito triste ver um grande amigo em condições tão limitadas, ver alguém que escrevia brilhantemente, que citava textos e poemas de grandes escritores, privado de tudo que o tornou admirado por muitos.

É lamentável ver “amigos”, muitos dos quais ele ajudou, ignorarem o que ele está passando.

Há certos momentos da vida em que o ser humano precisa, mais do que nunca, de atenção e solidariedade.

Mas sua família cuida dele com todo o carinho, reconhecendo a pessoa maravilhosa que é, fazendo com que ele participe dos momentos de alegria.

No dia dezanove de abril deste ano de 2024, data em que se comemora o dia do índio brasileiro, JB completou oitenta e seis anos. Felizmente encontrava-me no Rio de Janeiro quando seus irmãos prestaram a ele uma bela e merecida homenagem, para a qual tive a honra de ser convidado.

Lá pelas tantas, durante conversa animada, regada a cerveja gelada, animei-me a lembrar aos presentes uma característica marcante do amigo: a assiduidade e pontualidade ao trabalho.

Se a bússola nos dá a direção precisa a seguir, o relógio dava ao João a precisão do tempo a que deveria obedecer. Em tom de amável fofoca, revelei a todos essa rígida obediência à assiduidade e aos horários de trabalho. Contei-lhes que, muitas vezes, faltavam dez ou quinze minutos para o final de expediente, sem que tivesse tarefa alguma a fazer, sugeria a ele que saísse mais cedo, que se beneficiasse de alguns minutos para evitar um trânsito mais pesado, que fugisse um pouco da turbulência do centro da cidade em direção à Vila Isabel, bairro onde mora.

João, intransigente quanto ao cumprimento do horário, apontava para seu relógio de pulso e dizia:

— Ainda não deram dezoito horas, meu amigo, que é a minha hora de sair.

Os familiares e amigos presentes à festa ao ouvirem o comentário a respeito, deram gargalhadas à beça, pois conheciam essa virtude de JB, que, por essa e tantas outras, tornou-se um ser humano admirado por todos.

Comparei, então, esse aspecto da rotina do amigo, a pontualidade, com o personagem do conto de Carlos Drummond de Andrade, encabeçado pelo sugestivo termo “Facultativo”, em que o poeta, jornalista de profissão, faz alusão ao dia do Servidor Público (28 de outubro), não considerado “feriado”, mas “facultativo”, ou seja, não obrigatório, dependendo, portanto, da necessidade da chefia.

No Brasil, desde sempre, o chamado “Ponto facultativo” virou feriado.

Chamei a atenção dos presentes para a coincidência de nomes entre o personagem de Drummond, cujo nome era João Brandão e do querido colega João Baptista: ambos JB. Parecia que o Poeta conhecia nosso amigo, acrescentei.

O autor do conto “Facultativo” narra a história de João Brandão, que era extremamente responsável com suas obrigações de funcionário público. Nesse dia de ponto facultativo, João Brandão, que não se satisfazia em ficar em casa, nem gostava de futebol, decidiu ir trabalhar e assinar o ponto. Ao chegar ao prédio em que trabalhava, encontrou os portões fechados. João Brandão não se deu por vencido, lembrou-se de uma abertura, encoberta pelo jardim, que ficava destrancada pelo responsável, de propósito, a fim de que este pudesse abrir os portões caso esquecesse em casa a respectiva chave. Dirigiu-se, então, até ela e tentou pular a janela. De repente, aproximou-se dele um vigia que o ameaçou prendê-lo por invasão de prédio público caso insistisse em cometer aquele ato. João Brandão percebeu, a contragosto, o real sentido da palavra “facultativo”.

A comparação entre os dois Joões gerou gargalhadas dos presentes. Meu amigo, que ouviu caladinho, como era de seu próprio modo de ser, deu um sorriso como a concordar com a história que narrei, sorriu e bebeu um gole da cerveja geladinha que lhe foi oferecida.

Aproximei-me dele, e, carinhosamente, dei-lhe um beijo na testa em sinal de gratidão pela amizade que me dedicou e pelos grandes e bons exemplos que me deu.

## O AMIGO ANTÔNIO

---

Conheci pouquíssimos indivíduos humildes, de pouca instrução, primário incompleto, que tenha manifestado tanto gosto pela leitura quanto Antônio, vendedor de mate na praia de Copacabana.

Certa manhã quente e ensolarada de um fim de semana, eu me senti intimado a sair de casa e rumar até a praia, no posto II de Copacabana.

A praia pedia um livro “light”, de pequeno volume e de conteúdo romântico. Dei de mão, então, ao instigante e curioso livro do escritor Erich Segal: “A História de Oliver”, em que ele conta como ficou a vida do viúvo Oliver, após a morte prematura de sua amada “Jenny”, protagonista de seu mais famoso livro: “Love Story”.

Assim que cheguei ao lugar preferido dos cariocas em dias de sol, armei a cadeira de praia e me acomodei preguiçosamente de frente para o mar, de modo a ter diante dos olhos, como cenário, as águas azuis, transparentes, e as pequenas ilhas ao longe.

O verão traz consigo, além do calor, muitos vendedores em busca de seu “ganha pão”.

Assim que me acomodei, aproximou-se um vendedor, trazendo a tiracolo um galão de vinte litros de mate-limão e segurando, com uma das mãos, a alça de um isopor com dezenas de picolés.

Antônio costumava, já há alguns anos, vender esses produtos na praia. Não sei por quanto tempo, mas ele já se encontrava na casa dos sessenta.

Ao me ver com um livro na mão, aproximou-se e foi logo falando:

— O senhor tem o hábito de ler? Porque eu leio sempre que posso, disse ele. No momento, prosseguiu, estou lendo os livros de Machado de Assis. Não é por ser da minha raça, é porque ele é o maior escritor da literatura brasileira. É o que eu ouço das pessoas que gostam de ler.

Não só concordei como acrescentei que um escritor americano, duas vezes ganhador do consagrado prêmio “Pulitzer”, o mais importante prêmio literário dos Estados Unidos, declarou ser Machado de Assis o maior romancista das Américas.

Ao saber que eu era professor de Língua Portuguesa, retirou o peso dos ombros, colocou o isopor na areia e sentou-se nele. Percebi que a prosa continuaria animada.

Declarando ser a leitura seu maior prazer, perguntou-me se conhecia outros escritores brasileiros negros.

Dei-me conta de que meus conhecimentos literários eram muito limitados, mas citei, claro, Machado de Assis e alguns de seus livros. Lembrei a ele que Machado tinha sido o fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL), no ano de 1897, que tem como lema a expressão latina “Ad immortalitatem” (rumo à imortalidade). Citei Lima Barreto, autor de Triste Fim de Policarpo

Quaresma e Clara dos Anjos, entre outros. Incluí, também, o poeta simbolista Cruz e Souza e Carolina de Jesus, autora do livro “Quarto de Despejo”, traduzido para 16 idiomas e vendido em 40 países. Acrescentei, ainda, os nomes Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra do Brasil e de Abdias Nascimento. Este último, disse-lhe, foi professor de literatura na Universidade de Nova Iorque, exilado político e amigo de Brizola e de Darcy Ribeiro. Estes três, citados por último, eram do conhecimento de Antônio, pois ainda estavam vivos nessa época, uma vez que nos encontrávamos nos anos noventa.

Depois desse encontro literário, tivemos vários outros no mesmo lugar, praia de Copacabana, que os turistas estrangeiros consideram um dos cenários mais aprazíveis do planeta.

Algumas vezes cheguei a pensar em possíveis prejuízos de venda que Antônio deveria ter devido ao largo tempo que ele destinava às nossas conversas. Ele pouco se importava com o relógio tal era sua animação ao falar de livros.

Certo dia, resolvi lembrar a Antônio que os imensos espaços existentes sob as arquibancadas do Sambódromo tinham sido transformados, por Brizola e Darcy Ribeiro, em salas de aula para o funcionamento do ensino regular nos turnos da manhã e da tarde e que, no turno da noite, funcionavam os cursos supletivos aos quais ele poderia frequentar de forma semipresencial e lá concluir os Ensinos Fundamental e Médio.

Semanas depois, assim que me avistou na praia, veio me dar a grande notícia: “Professor, fiz minha matrícula no Ensino Fundamental do sambódromo”. Dei-lhe os parabéns e manifestei fé nos passos que ele iria dar.

Algumas semanas depois, mudei de endereço. Fui morar mais distante; entre os postos IV e V de Copacabana, cerca de oito quarteirões distantes do posto II, onde havia morado. Passados quase dois anos, encontramos-nos na praia e ele me informou, alegre e orgulhoso, que estava concluindo o Ensino Médio e que, em seguida, iniciaria a Faculdade de Direito.

Fiquei imensamente feliz com o que ouvi, imaginei que seria um grande advogado, conhecedor dos direitos e anseios do ser humano. Até hoje torço pela felicidade do amigo Antônio. Certamente, pela garra e determinação que sempre revelou, deve ter-se tornado um profissional de sucesso, sensível aos problemas dos mais necessitados.

## CONFISSÃO DE UM IDOSO

---

Não sei se ainda é vivo o médico de noventa e dois anos, que me atendeu em uma clínica na galeria Menescal, em Copacabana. Por ética, deixo de citar seu nome.

Tive o privilégio de ser atendido por esse profissional cuja longevidade me intrigou e me assombrou ao mesmo tempo.

Assim que entrei no consultório, antes de falar sobre o porquê de me encontrar ali, a saudação gentil daquele senhor idoso fez com que eu lhe desse os parabéns por estar ainda praticando a medicina. A fisionomia dele, apesar de atencioso, de interessado no meu problema (dores na coluna), denunciava uma idade bem avançada.

Parece que o elogio foi um gatilho para que ele ignorasse o assunto principal e passasse a fazer um desabafo, esquecendo que havia outros pacientes aguardando sua vez na sala de espera.

— Professor, gosto, sem dúvida, da minha profissão, mas não é o prazer de exercê-la a razão principal de eu estar aqui hoje, embora goste de atender pessoas. Elas me dão energia, me livram do tédio e me mantêm vivo.

Prossegue seu monólogo:

— Casei jovem, viajamos muito eu e minha esposa. Conhecemos vários países da Europa e da Ásia. Depois vieram os filhos; em seguida, os netos. Hoje sou um homem frustrado, tentando descobrir onde errei na educação dos meus filhos. Não consegui incutir neles entusiasmo pelos estudos, pelo trabalho. Quando evoluímos intelectualmente, professor, achamos que sabemos mais que nossos pais, que podemos dar o melhor para os filhos, que podemos construir uma família exemplar. O mundo mudou para pior, estamos acompanhando a decadência da civilização. A maioria dos jovens de hoje querem que os pais sejam os provedores da família até o fim da vida. A consideração, o carinho e o respeito aos pais, que havia antigamente, são virtudes que a sociedade atual os elimina paulatinamente e os substitui pelo interesse material, pelo egoísmo, pela ambição de ganhar da maneira mais fácil, sem importar como. Por isso, professor, saio de casa três vezes por semana, pego o táxi e venho trabalhar. Minha aposentadoria não cobre o padrão de vida que sempre mantive para a família. Apesar de reduzir o padrão, não posso me dar ao luxo de parar. Continuarei assim enquanto Deus me der saúde.

Durante o desabafo do velho médico, a recepcionista, preocupada com os outros pacientes, entrou na sala e perguntou se podia mandar entrar o próximo. Pelo tempo de conversa, esperava ouvir uma resposta afirmativa; no entanto ele pediu à funcionária que trouxesse um cafezinho para os dois, advertindo ainda:

— Aguarde mais um pouco, mocinha. Ainda não terminamos a conversa.

Fiquei envergonhado, sentindo-me responsável pela longa espera dos outros pacientes. Por outro lado, achei que a conversa servia de terapia para alguém que precisava dela e não cabia a mim interrompê-la.

O doutor acrescentou que as gerações de hoje primam pela lei da vantagem, em que os fins justificam os meios, sejam quais forem os recursos e estratégias utilizadas. Lembrou que os valores do passado, como o respeito, a solidariedade, a honestidade tendem a sumir, que a falta de escrúpulos está na moda e aceita pelo “modus vivendi” da sociedade atual.

Finalmente, tendo concluído sua preleção, lembrou-se da minha coluna, recomendando-me fisioterapia e analgésico. Levantou-se com certo esforço, estendeu-me a mão dizendo que me queria ver no mês seguinte. Saúde e paz de espírito foi o que lhe desejei, em pensamento. Em voz alta me despedi com um “até breve doutor”.

## UM AMIGO SUI GENERIS

---

Somos gratos a Deus por termos nascido dotados dos cinco sentidos, um dos quais é a audição, por meio da qual podemos ouvir a música, o canto dos pássaros e até, em certos momentos, o valor do silêncio.

Existem pessoas que nos deixam espantados por suas reações, pelo modo como se comportam em sociedade.

Tive um amigo no Rio de Janeiro chamado Sérgio. Ele era tão “détraqué”, no bom francês, que suas opiniões vinham geralmente recheadas de ideias absurdas. Assim também eram muitas das decisões que tomava. Eram chocantes, às vezes inacreditáveis para um ser humano considerado mentalmente normal.

Certa feita, a namorada dele encontrava-se em uma das cidades da Alemanha onde fazia um curso. Precisando de um livro que tinha em casa, pediu a ele que o enviasse por um amigo, que estava por viajar para Alemanha.

Extravasava ciúmes por qualquer motivo em relação à namorada. Não admitia que um outro entregasse o livro às mãos dela. Por isso resolveu que faria a entrega pessoalmente. Sua cabecinha não admitia um gesto sequer de gentileza que viesse de outro homem.

Comprou passagem para a cidade cujo nome ele anotara atabalhoadamente, como era do seu feitio, pois fazia tudo às pressas como se fosse “tirar o pai da força”, como se diz.

Acontece que havia duas cidades pequenas da Alemanha de nomes quase idênticos. Nosso amigo, assim que o avião aterrissou na Alemanha, pegou logo um táxi rumo à estação de trem. Lá comprou passagem para a cidade cujo nome ele havia anotado, às pressas. Embarcou no trem que o levaria para a cidade onde estaria a namorada, certo de que ela o esperaria na estação. Porém a sua distração ao anotar os nomes muito parecidos das duas cidades fez com que ele fosse parar na cidade errada. Decepcionado e furioso com a situação, tomado de alto nível de neurose, voltou imediatamente para o Brasil, sem levar a encomenda até o destino. A revolta pelo engano tirou-lhe totalmente o juízo, precedido de intenso mau humor.

O comportamento dos dois fugia inteiramente dos padrões que se pode imaginar para uma convivência normal entre um casal.

Uma amiga psiquiatra me afirmou que um neurótico só consegue conviver com outra pessoa se o nível de neurose de ambos for recíproco.

Um outro episódio protagonizado por esse amigo é também digno de registro. Certo dia ele apareceu na minha casa com pedaços de esparadrapos colados no rosto. Perguntei-lhe a razão daquilo, o que lhe havia acontecido. Assim respondeu-me:

— Estou velho, meu caro. Posso morrer amanhã. Resolvi, então, melhorar a aparência retirando os sinais feios do rosto. Assim, quando eu estiver diante de Deus, Ele me verá com uma cara mais bonita. Devo caprichar para causar boa impressão nessa hora, você não acha?!

Há vários tipos de indivíduos cujo comportamento se mostra absurdamente esdrúxulo. Amigos desse tipo se tornam inesquecíveis, principalmente pelo modo como expõem suas opiniões e pelas atitudes absurdas que tomam quando se deparam com situações contrárias ao ponto de vista que defendem.

Meu amigo Sergio era o exemplo de um indivíduo excêntrico, de reações imprevisíveis. Talvez tenha sido essa uma das razões para que ele tenha ficado tão presente em minha memória.

## HISTÓRIAS DE BOTEQUIM

---

Botequim é o lugar dos bate-papos. É o confessionário dos "bebuns".

Próximo ao Hospital São Lucas, em Copacabana, morava o amigo Roberto, gaúcho de Santana do Livramento, cidade cuja praça central faz fronteira com Rivera, sua irmã uruguaia, formando praticamente uma única cidade. O que as difere é a delimitação geográfica e o idioma, embora as pessoas de ambos os lados pratiquem o "portunhol".

Roberto, no final da década de cinquenta, assim que se formou em Engenharia Mecânica em Porto Alegre, veio para o Rio a fim de trabalhar na Rede Ferroviária Federal. Casou-se, constituiu família e permaneceu no Rio até o final de sua vida.

Eu o conheci em um antigo botequim próximo de casa, na esquina da rua Constante Ramos com Cinco de Julho, em Copacabana. Ao lado, na Cinco de Julho, pequena rua tranquila, arborizada e florida, situam-se outras casas comerciais, também modestas: um açougue, outro bar pequeno, uma pizzaria e uma sapataria cujo dono já idoso celebrava todo final de dia com uma cervejinha, no bar vizinho, a dádiva de ter formado um filho médico e um engenheiro da Petrobrás. Apesar de insistentes pedidos de seus filhos, não abandonava nem a profissão, nem o bar vizinho.

Nosso botequim abrigava mais mesinhas nas calçadas do que o número de banquinhos junto ao balcão interno. Atraía diversos tipos de profissionais: advogados, professores, porteiros, eletricitas, bombeiros-hidráulicos, pedreiros etc. Todos unidos pelas mesmas causas: afogar as mágoas ou celebrar a vida simplesmente.

O botequim tinha ainda clientes misteriosos e secretos. O morador do prédio da esquina em frente, marido de uma ex-aluna, um desembargador mineiro, mandava a empregada buscar lá o mocotó da sexta-feira, como se fosse para ela. Não dispensava o tal mocotó, mesmo sabendo que o cozinheiro infringia todas as leis exigidas pelas autoridades sanitárias. O tempero e demais ingredientes: feijão branco, linguicinha, cenoura e muito mocotó superavam quaisquer outros requisitos.

O carioca tem certos hábitos culturais inimitáveis por qualquer outro lugar do planeta.

No outro bar próximo, um juiz aposentado costuma frequentar, diariamente, o respeitável recinto. Se fosse assíduo assim a uma igreja, seria o mais fiel dos paroquianos.

Neste distinto boteco da esquina, conheci meu amigo Roberto. Quando passava em frente, indo ao mercado, ou à farmácia, ou à consulta médica, ou me dirigindo até a casa da prima Maria dos Anjos Flores tomar um cafezinho com pão na chapa, eu o encontrava oitavado no balcão com seu copinho de pinga já pela metade. Nunca lhe perguntei se era o seu desjejum.

Certo dia, conversei com ele mais longamente, quando me falou o seguinte:

— Sabe, tchê, minha família toda é de Livramento. Meu pai era fazendeiro. Guardo muitas lembranças da infância no campo. Todas boas, mas a que mais me causou surpresa foi uma da adolescência, da qual só tomei conhecimento agora nesses últimos anos, da última vez em que lá estive.

Em visita à casa de uma prima, estava lá uma antiga vizinha da família de nome Maria do Rosário. Além do nome de Santa, ela era linda! Por ter sido um guri tímido, alto, magro, feio e desengonçado, tinha certeza de que ela não era pro meu bico.

Pois bem, estávamos na sala tomando um cafezinho (há muito tempo que deixei o chimarrão), minha prima foi fazer não sei o quê e nos deixou a sós. Pra minha surpresa, ela me olhou fixamente e falou:

— Sabe Roberto, eu era muito tímida. Guardava em segredo total os meus sentimentos. Mas sempre gostei de ti. Sempre que podia disfarçava uma forma de te ver, cheia de cuidados e vergonha. Nunca revelei a ninguém. Só tomei coragem agora, na velhice, e isso me faz bem, me faz sentir como se tirasse um peso da consciência e do coração. Ainda bem que faço agora (antes tarde do que nunca).

— Ela até me fez acreditar ser verdade, mas, na época, ninguém me faria crer que, despertar esse tipo de sentimento naquela linda prenda, fosse possível.

Mas agora é passado, voltei para o Rio com autoestima elevada saboreando um gosto melhor que o do churrasco, dadas as circunstâncias e a idade. Cuido da minha mulher, que está mais doente do que eu. Talvez o álcool me conserve mais, além de afogar as mágoas. Não se pode voltar no tempo.

A velhice e a saúde ainda me dão energia pra vir aqui, religiosamente, todas as manhãs para tomar a primeira dose deste "remedinho" e repetir a frase de Goeth (poeta alemão): "Mehr Licht!" (Mais luz), para prosseguir vivendo, sem querer imitá-lo, já que essas foram as últimas palavras do grande poeta.

## UMA CARIOCA NOS ESTADOS UNIDOS

---

Embora esta história tenha base na realidade, por questão de ética, omitimos o nome verdadeiro da personagem, razão pela qual vamos chamá-la de “Denise”

Denise tinha concluído seu Curso de Letras, Português/Francês, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com monografia aprovada com louvor, demonstrando, desde cedo, sua extrema dedicação para superar prováveis desafios que porventura viessem a surgir em seu caminho.

Concluído o curso de licenciatura, inscreveu-se em um curso de pós-graduação oferecido pela Universidade de Boston, nos Estados Unidos, com uma bolsa de estudos integral, incluindo moradia e alimentação durante dois anos.

Questões burocráticas na emissão das passagens fizeram com que Denise chegasse ao destino dois dias depois da data prevista para o início do curso. Nossa colega carioca foi surpreendida ao saber que o cumprimento do calendário era rigoroso. Quem faltasse no primeiro dia de aula, perderia o curso. Foi o que lhe aconteceu.

Incontáveis são os casos de pessoas seriamente prejudicadas por causa da morosidade burocrática.

Denise foi excluída da turma da qual faria parte. No entanto, a Universidade deu a ela uma oportunidade de ingressar na próxima turma, cujo início estava previsto para o início do ano seguinte.

A sensação de desespero tomou conta dela, pois sabia que não teria dinheiro para custear as próprias despesas de moradia e alimentação. Entretanto, a rigorosa educação com a qual foi criada deu-lhe frieza e força para recorrer a todas as possibilidades que lhe permitissem sobreviver naquele país até o início do próximo curso. Foi até uma banca de revistas e comprou o jornal mais procurado por quem corria atrás de emprego. Correu os olhos na lista de ofertas e deparou-se com o seguinte anúncio:

“Procura-se uma jovem que faça os serviços de limpeza em residência, nos cinco dias úteis da semana, podendo dormir no trabalho, caso queira.”

Denise, mais do que depressa, anotou o endereço e tomou um ônibus que a deixasse no local. Foi recebida pelos prováveis patrões, aos quais relatou sua situação no país e o desejo de trabalhar por um ano até o início do curso que a levou até lá.

Para sua felicidade, Denise falava inglês. Foi a condição *sine qua non* para ser admitida, além de sua história que sensibilizou o casal. Durante a entrevista, acrescentou que falava francês também. Essa informação despreziosa fortaleceu ainda mais a decisão dos futuros patrões. Era um casal de classe média alta, que lhe propôs o seguinte:

— Senhora Denise, gostaríamos de contar com sua colaboração, por isso lhe propomos o seguinte: A senhora faria a limpeza da casa durante o dia e, à noite, nos daria aulas de francês, pois já vínhamos pensando em estudar o idioma há algum tempo. Pagaríamos também pelas aulas, logicamente. Faria as refeições conosco e dormiria aqui, no quarto de hóspedes, caso prefira.

Denise aceitou sem pensar o que lhe foi proposto. Assumiu no mesmo dia, e lá permaneceu durante um ano, cumprindo seus deveres até o início do curso pelo qual tinha esperado a duras penas.

Às vésperas do dia em que se iniciaria o tão aguardado curso, despediu-se dos patrões, também ex-alunos, manifestando profundo sentimento de gratidão, dizendo que eles estariam eternamente em seu coração.

No primeiro dia de aula, Denise foi a primeira a chegar à faculdade, comprometida em cumprir rigorosamente o calendário e a dedicar-se aos estudos em tempo integral.

Conclui seu curso com pleno aproveitamento, feliz por ter superado todos os obstáculos, além de ter enriquecido sua vida com a experiência inesperada que viveu como diarista, que lhe permitiu, inclusive, amealhar uma bela quantia de dólares, suficiente para adquirir um apartamento de dois quartos, um deles suíte, no bairro da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro.

Essa história, que ocorreu na década de setenta, é verídica. A professora foi minha colega e amiga.

## AS PEDRINHAS da MINHA INFÂNCIA

---

O poeta Carlos Drumond de Andrade consagrou, em um dos seus célebres poemas, este verso: “No meio do caminho tinha uma pedra...”, fazendo alusão aos obstáculos que o ser humano enfrenta na vida.

No meu caso, a pedra que se aloja no baú da memória, traz à tona saudosas lembranças, como as das ruas e estradas da minha cidade de infância, sem asfalto, somente pedras soltas sobre as quais pisávamos e levávamos alguns escorregões.

Outras pedrinhas esta noite me tiraram da cama lá pelas quatro horas da madrugada, no absoluto silêncio da Serra. Foram aquelas que, na infância, apareciam sobre a mesa da cozinha lá de casa, à noite, misturadas com os grãos. Aquelas que faziam com que nossa mãe nos desse, como tarefa noturna, separá-las, a fim de que, já cedo, o feijão, limpinho, estivesse sobre a chapa do fogão a lenha, a ferver na velha panela de ferro.

Havia antigamente o velho pilão, falquejado em tronco de madeira dura, geralmente de árvores como o ipê, a peroba e a maçaranduba, utilizado para a maceração de produtos guardados ainda dentro da casca, como o feijão, o arroz, o trigo e o amendoim, entre outros tipos de alimentos.

Nesse trabalho rudimentar, os feijões, que vinham envoltos em favas secas, saltavam de dentro delas após serem socados manualmente. Nesse processo, vinham também com eles pedaços de cascas e alguns grãos de areia.

Tínhamos um pouco de trabalho, porque a escolha, feita à luz do lampião, exigia atenção e paciência para evitar que algum esfomeado engolisse algumas pedrinhas indesejadas, e tivesse, se a sorte lhe faltasse, algum dente quebrado.

Essas pedrinhas não ficaram na memória como símbolo de um indesejado obstáculo de vida, mas como uma gostosa lembrança dos tempos de outrora. Não foram entrave no meu caminho; ao contrário, serviram para dar impulso à minha vida, por isso inesquecíveis, como se fossem relíquias.

## FIGURAS FOLCLÓRICAS DE ROSÁRIO DO SUL

---

Os habitantes de Rosário conviveram, entre as décadas de quarenta e sessenta pelo menos, com quatro personagens que justificam o título deste texto.

Os três primeiros, considerados os doidinhos da cidade, perambulavam pelas ruas a esmo, sem destino. Acredito que a única certeza deles era o endereço de seus familiares, pois diariamente apareciam para uma população sempre atenta quando os via, curiosa de saber o que eles iriam “aprontar”, mesmo que seus gestos e ações se repetissem.

O Abílio tinha por hábito levar, entre os dedos polegar e indicador, uma varinha qualquer, que girava continuamente com o deslizar de um dedo sobre o outro. Talvez tenha sido um recurso que ele tenha descoberto instintivamente para abrandar seu estado emocional fora de controle. Tenho a impressão de que ele era o único dos três que saía além da periferia da cidade nas suas andanças diárias. Furioso, catava pedras para jogar em quem o chamasse de “cabeça de porco”.

O Romário respondia quase mecanicamente com um “oh!” quando as pessoas educadas e sensíveis o saudavam, e respondia com uma pedrada àqueles que o chamavam pelos diferentes apelidos que costumavam dar a ele. Ficava tão furioso quando era chamado pelo apelido, que chegava a dar mordidas repetidas vezes nas próprias mãos.

Ainda tive a oportunidade de vê-lo na varanda do asilo para o qual, já mais velho, foi recolhido. Cheguei a passar a pé por esse local e, ao vê-lo sentadinho numa poltrona sob o telhado da varanda, saudei-o respeitosamente pelo nome, tendo sido retribuído com o seu conhecido e já esperado “oh!”, seu principal canal de comunicação com outros falantes.

O Chiquinho era um homem de porte musculoso, de andar acelerado, como quem fugia de alguns humanos inconvenientes. Ao contrário dos outros dois (Abílio e Romário), ele se expressava mais quando solicitado.

Meu irmão Eneias, contou-me que Chiquinho costumava, em suas andanças, passar em seu local de trabalho (Sindicato Rural) e parar em frente à porta de entrada do prédio, O pessoal lá de dentro lhe fazia sempre a mesma pergunta:

— Aonde tu vai, Chiquinho?

A resposta também era sempre a mesma:

— Vinha vindo e vim... e repetia: — Vinha vindo e vim...

Eneias lembrou ainda que Chiquinho dormia em um quartinho da casa de um senhor que tinha um pequeno armazém. Este senhor era tratado pelos outros com a primeira letra do alfabeto, a letra “A”. Chamavam-no, portanto, de Seu “A”.

Seu “A” criava algumas galinhas que, às vezes, invadiam o armazém e lá marcavam sua presença deixando algumas fezes sobre o assoalho. Certo dia, tendo de se ausentar temporariamente do local, pôs nas mãos de Chiquinho uma tranca de madeira que era usada para fechar a porta principal de entrada no final do dia, dizendo a ele:

— Chiquinho, fique atrás desta porta! Quando uma galinha entrar, bata com esta tranca na cabeça dela.

Depois da recomendação, Seu “A” retirou-se dali, deixando Chiquinho com a missão de atacar as galinhas caso elas entrassem no armazém.

Passados cerca de vinte minutos, Seu “A” voltou ao armazém, esquecendo-se da missão que tinha dado ao seu vigia. Ao entrar pela porta onde ficou escondido o atento Chiquinho, recebeu uma paulada na cabeça. O inocente agressor não tinha equilíbrio mental perfeito, só havia registrado em sua mente a ideia de que deveria atacar qualquer ser vivo que entrasse ali. Seu “A” caiu desfalecido para assombro de Chiquinho, que, percebendo seu erro, passou a exclamar: “matei o A” e ficava repetindo “matei o A”, “matei o A”. Não sei se em sua cabeça havia lugar para sentir alegria, mas ficou surpreso e satisfeito quando seu “amigo” se recuperou.

Diante do ocorrido, creio, seguramente, que Seu “A” passou a caprichar mais nas recomendações que dava ao Chiquinho.

O Firmino era um senhor que fazia serviços temporários nas chácaras e fazendas. Além de vizinho, era uma pessoa bem próxima da família e colaborava com meu pai, meu tio Adélio e meu avô Artidor na construção das coberturas dos galpões com a utilização do capim sapé. Ele era mestre nesse trabalho. Mas mestre mesmo era em pregar mentiras inofensivas e mirabolantes. Tornou-se famoso por este dote artístico. Uma característica que sobressaía nele era a de soltar uma bela gargalhada segundos após a incrível mentira que ele aplicava como se ela fosse verdadeira. Para ilustrar o que se diz, vamos contar uma das inúmeras mentiras de seu repertório:

Uma das histórias memoráveis, que contava com entusiasmo, é a proeza e destreza dele num dia em que estava lavrando a terra, com arado puxado a boi, quando ouviu latidos de cães, distantes de onde ele estava. Percebeu que os latidos ficavam mais fortes, pois a cachorrada vinha em sua direção perseguindo uma lebre. Disse ele que se abaixou atrás da cerca do lado oposto de onde vinha a lebre, que vinha em disparada em sua direção. Percebeu que o animal iria pular a cerca de arame.

Respirou fundo e prosseguiu com estas palavras:

— Quando a lebre veio em minha direção, vi que ela ia pular pro meu lado. Foi o que aconteceu! Assim que ela pulou, me levantei como um raio e peguei ela pela perna. Os cachorros só ficaram me olhando, pois sabiam que a bichinha já tinha dono.

Depois que terminou de contar sua “história”, ficou mudo por uns instantes e soltou uma bela gargalhada, como era de hábito. Certamente feliz pelo seu ato heroico e único. Só ele seria capaz de tal façanha.

Isso é só uma prova das proezas do Firmino. Era um mitômano consagrado, palavra que os dicionários registram com sendo a pessoa com irresistível tendência para mentir. Quem teve o privilégio de conviver com o velho Firmino deu muitas gargalhadas ouvindo suas histórias, sempre carregadas de feitos heroicos cujo protagonista era sempre ele.

Aqueles que viveram na época dessas quatro figuras, guardam com carinho a lembrança deles e de suas atitudes peculiares e excêntricas, que marcaram a infância e a adolescência de muitas gerações de rosarienses.

## UM RETALHO da INFÂNCIA

---

É impossível frear a vontade e o prazer de viajar ao passado.

Hoje vou até os anos quarenta/cinquenta, época em que minha família vivia no campo, em uma chácara situada poucos quilômetros distantes do centro da minha querida cidade de Rosário do Sul.

Fazíamos aquilo que a vida rural permitia, como ter uma lavoura em que plantávamos alguns produtos para nosso consumo: milho, mandioca, batata, cebola, feijão, melancia, melão, abóbora etc.; uma horta onde cultivávamos alface, couve, salsa, tomate, repolho, etc.; criávamos galinhas para consumo e para colher delas, diariamente, alguns ovos.

Mas a tarefa que cumpríamos todos os dias, durante o ano todo, era a leiteria, que exigia sempre o mesmo cuidado: dar ração às vacas para que mantivessem uma boa produção de leite e recolher os terneiros, de tardezinha, para a encerra, a fim de evitar que eles sugassem o leite de suas mãezinhas, cujos úberes deveriam amanhecer cheios. Essa prática diária iniciava de manhã cedo, a ordenha começava antes do raiar do dia, para que o leite chegasse ainda cedo às casas dos fregueses.

O serviço de entrega do leite cabia ao Artidor, meu irmão, que, montado em seu petiço de estimação, cumpria sua missão religiosamente, mesmo nos mais rigorosos dias de inverno.

A mim cabia a tarefa, também diária, de limpar o galpão e o chiqueiro dos terneiros, retirando com pá e carro-de-mão os excrementos dos animais, que eram depositados em determinado lugar, onde, após meses, virariam adubo para fertilizar a lavoura e a horta.

A lembrança dessas tarefas de campo tornou-se mais um inesquecível retalho de vida em minhas memórias.

## DIVAGAÇÕES DE UM GAUDÉRIO

---

Depois de ter percorrido alguns caminhos mais espinhosos, mais turbulentos, cumpridas já sete décadas de vida, creio ter ancorado no meu porto seguro. Volto ao meu Estado, satisfeito com o destino que o Criador me reservou.

Hoje, saí de casa cedinho, em Gramado, para atender ao que o corpo e o espírito pedem: uma caminhada entre as árvores e flores que essa linda cidade serrana oferece, premiando os turistas e aos que nela habitam.

Subindo a estradinha que leva ao Lago Negro, surgiu-me um forte desejo de que todas as pessoas deveriam ter a mesma sensação de felicidade que senti naquele momento. Ao mesmo tempo, percebi estar sendo muito presunçoso, pois a beleza da Criação está em todo o planeta.

O sentimento de gratidão levou-me, de repente, para minha terra natal. Vislumbrei o pampa gaúcho do qual faz parte, entre outras, Rosário do Sul, minha cidade natal, com sua beleza peculiar, em cujas planícies e coxilhas se entremeiam várzeas ornadas de capões nativos gerados pelas vertentes d'água que formam sangas, cacimbas e açudes.

No cenário pampeano, entre Rosário e Alegrete, um acidente geográfico se destaca, visível a longa distância: a Serra do Caverá, inspiradora de lendas e poemas, abrigo de guerreiros, de gaudérios desgarrados, e dos índios nativos, descendentes dos guaranis, charruas e minuanos.

A Natureza, com suas planícies, serras, rios e matas, faz com que a vida tenha sentido. Sua beleza e tudo mais que ela nos dá deixa em nossa memória, de forma indelével, as mais doces recordações.

Lamento que o ser humano não use seu livre arbítrio em benefício de seu lazer, gasta o precioso tempo preocupado com a própria sobrevivência ou para satisfazer seu desejo ou ambição de ter mais do que lhe basta. Perdemos, muitas vezes, a consciência de que nossa dimensão é ínfima diante do Universo e da efemeridade da vida.

## A HISTÓRIA DE CARLINHOS

---

Um dos afluentes do Rio Santa Maria, em Rosário do Sul – RS, é o chamado Arroio da Divisa. O nome se deve por servir de delimitação de áreas de campo entre diversas propriedades rurais.

Em uma chácara de cerca de vinte hectares, nas cercanias desse Arroio, vivia um casal e seus sete filhos: duas mulheres e cinco homens. Praticamente alimentavam-se do que produziam na lavoura. Cultivavam legumes e verduras, como: abóbora, batata, cebola, cenoura, feijão, milho e tomate; alface, couve, espinafre, mostarda, repolho e salsa.

Criavam algumas vacas de leite, que ordenhavam de madrugada, para que um dos filhos entregasse cedinho o leite aos fregueses na cidade.

Na parte mais baixa do campo, havia, entre duas colinas, uma nascente d'água que nunca secava e permitia a existência de uma cacimba cuja vertente era inesgotável e servia para o consumo de água potável, além de formar naturalmente um açude. Nele as crianças se banhavam, aprendiam a flutuar e a dar algumas braçadas. Certamente também em suas águas os animais “matavam” a sede.

Talvez, por estar mais próximo do rio em cuja foz ele desaguava (o Santa Maria), suas águas se avolumavam e a vegetação era mais abundante e exuberante. Suas águas correntes formavam sangas em torno das quais cresciam diversas espécies de árvores, inclusive frutíferas. As pitangueiras, quando chegava a época de dar frutos, ficavam carregadas. As pitangas maduras e saborosas atiçavam a gula da gurizada.

Na família do senhor Venâncio, enquanto os filhos mais velhos executavam tarefas mais individuais, como capinar, cortar lenha, entregar leite e fazer compras na cidade, Carlinhos, o caçula, acompanhava o pai quando este lavrava a terra, jogando sementes de milho, feijão etc. dentro da verga deixada pelo arado. Pra sorte dele, seu pai tinha uma junta de bois que já estava resignada a trabalhar sem pressa, imprimiam um ritmo lento que lhe permitia, apesar da idade, cumprir sua obrigação. O que ele jogava no sulco da terra era coberto pelo arado quando este fazia a verga seguinte. Assim era o ritual da tarefa que exigia atenção total do menino, a fim de evitar falhas no plantio e manter o distanciamento adequado entre uma sementeira e outra.

Carlinhos estava sempre propenso a fazer o que os irmãos mais velhos faziam, pois considerava serem as deles as tarefas mais desafiadoras. Um dos desafios para ele era puxar água de um poço perto das casas, com cerca de vinte metros de profundidade. A água era trazida para cima por um balde amarrado a uma corda que deslizava numa roldana presa em uma travessa de madeira a cerca de dois metros acima da boca do poço. A tarefa colocava à prova a força de seus músculos. Sentia-se homem feito quando o balde aparecia à sua frente transbordando de água.

Era costume, entre as tarefas caseiras, deixar, à noite, o feijão de molho para cozinhar no dia seguinte. Antes, porém, havia necessidade de limpar o feijão, retirando-lhe as pedrinhas e gravetinhos que vinham com ele quando colhido e ensacado. Tudo era feito manualmente e seu armazenamento não era meticuloso, não havia muitos cuidados no ato de descascá-lo, tirá-lo da vagem e guardá-los em sacos de linho cru, tulhas ou barris de madeira.

Certa noite, Carlinhos, ao ajudar a mãe a “escolher” o feijão, viu que muitos grãos eram excluídos, que seriam jogados fora. Teve a ideia de juntá-los para dar-lhes outro destino. Virou-se para o pai e falou:

— Pai, quero um pedaço de terra pra plantar com enxada esses grãos de feijão que sobraram.

O pai ficou surpreso com o pedido do filho, mas gostou da iniciativa dele e respondeu:

— Tudo bem, filho, mas não quero perder meu parceiro. Tu me ajudas na lavoura de manhã e faz, na parte da tarde, tua plantação no pedaço de terra que vou separar pra ti.

Carlinhos não perdeu tempo, na manhã seguinte ajudou o pai na parte da manhã e, após o almoço, deu de mão na enxada e foi preparar a terra reservada pra sua própria lavoura. Plantou nela os grãos de feijão que sua mãe iria jogar fora. Era o mês de setembro, época apropriada para o plantio.

Ao final do terceiro mês, os feijõezinhos começaram a se mostrar na superfície, a buscar a luz do sol, e, entre três e quatro meses depois, prontos para serem colhidos.

Carlinhos surpreendeu seu pai, mais uma vez, quando lhe fez um pedido de mais um pedaço de terra, pois queria plantar toda a quantidade do feijão que ele havia colhido.

Como o sucesso da plantação de Carlinhos se repetia a cada ano, tendo colhido, após sete anos, centenas de sacos de feijão, o adolescente tornou-se um grande agricultor. Com o dinheiro da venda do feijão que tinha colhido, comprou uma grande área de terra dos agricultores vizinhos para que o pai e irmãos aumentassem suas lavouras e se firmassem na vida agrícola. Seu exemplo de obstinação em acreditar na terra e no trabalho, fez com que a família inteira prosperasse.

O amor à terra e a dedicação ao trabalho fizeram dele um vencedor. Poucos anos mais tarde, constituiu família e viveu feliz com a esposa e seus três filhos, destinados a herdar o bom exemplo do pai, que demonstrou, na prática, o que os sábios da antiguidade diziam: “Verba volant, scripta manent, exempla trahunt” = As palavras voam, a escrita fica, os **exemplos arrastam**.

REALIZAÇÃO:

**SEVEN**  
publicações literárias

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



[WWW.SEVENEVENTS.COM.BR](http://WWW.SEVENEVENTS.COM.BR)

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.